



OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal

SETEMBRO ~ DEZEMBRO 2010, nº 20

ISSN 0873 - 0814



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objectivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles vêem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objectivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos, e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência, uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades, e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado, e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro, e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

in The Theosophist

OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

SETEMBRO - DEZEMBRO 2010, Nº 20
Periodicidade quadrimestral
ISSN: 0873-0814
Depósito legal: 88327/95
S.R.I.P. 100 777 STP
Tiragem: 400 Exemplares

Propriedade: Sociedade Teosófica de Portugal
Rua Passos Manuel 20, cave
1150-260 Lisboa
www.sociedadeteosoficadeportugal.pt
geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
Telf.: 21 353 47 50
NIF: 501 465 251

Director: Carlos Guerra

Colaboradores: Ana Maria Coelho de Sousa,
António Roque, Maria de Lurdes Rodrigues,
Rosa Duarte

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Impressão: Gráfica Eborense, Sociedade Instrutiva Regional Eborense, S.A.
Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,
7002-501 Évora

Capa: Annie Besant (1847-1933), segunda presidente da Sociedade Teosófica Internacional (Adyar, India) de 1907 a 1933.



SUMÁRIO

Editorial

17 de Novembro de 1875

SETEMBRO ~ DEZEMBRO 2010

Editorial

Carlos Guerra 1

A Regeneração Humana e os
Objetivos da Sociedade Teosófica

Radha Burnier 2

A Heresia da Separatividade

Patrizia Calvi 6

Olcott e Blavatsky:
Gêmeos Teósofos

John Algeo 10

Que são os Teosófos?

H. P. Blavatsky 18

Os Planos da Natureza:
uma Visão Alternativa

Shirley Nicholson 21

A Beleza do Desprendimento

Ana Maria Coelho de Sousa 25

A Beleza como Prática de Vida

Isabel Nobre Santos 29

“Conhece-te a ti próprio”

Maria Beatriz Serpa Branco 31

Notícias da S.T.P.

35

17 de Novembro, Dia da Fundação da Sociedade Teosófica é também conhecido como *Dia dos Fundadores*. Trata-se de um momento ímpar para membros e simpatizantes da Sociedade Teosófica (S.T.) se aproximarem num entendimento aprofundado daquele que foi o principal eixo estruturador da formação da própria Sociedade: a Fraternidade Universal. Numa dimensão de verdadeiro desafio à compreensão prática daquilo que é uma vida ética, tal eixo materializa-se na formulação filantrópica do primeiro objetivo da S.T.: Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.

Nesse mesmo dia presta-se homenagem aos Fundadores da S.T. – Helena P. Blavatsky (H.P.B.) e Henry S. Olcott (H.S.O.). Na obra *Old Diary Leaves*, H.S.O. refere-se a si mesmo e a H.P.B. da seguinte forma: *costumávamos dizer que éramos gêmeos teosóficos*. O significado desta afirmação, ilustrativa, por assim dizer, do eixo estruturador há pouco referido, é abordado por John Algeo num ensaio sobre arquétipos reproduzido por este número da revista Osíris. Encarados quer individualmente quer do ponto de vista da relação de gêmeidade à qual H.S.O. se refere com um sentido de profunda afeição, os percursos teosóficos de H.P.B. e de H.S.O. assumem-se como um manancial inesgotável, repleto de exemplos inspiradores de tudo aquilo que claramente se expressa num pequeno e profundo texto intitulado *Escada de Ouro*, sobejamente conhecido. Quer para aqueles que com ele estejam a contactar pela primeira vez, quer para aqueles que ao longo do tempo dele fizeram um motivo de reflexão e uma referência nas suas vidas, a *Escada de Ouro*, que aqui se reproduz uma vez mais, poderá ser entendida como a base sólida para uma procura da transformação de si mesmo, pela qual o mundo atual tanto urge.

Uma vida limpa, um mental aberto, um coração puro, uma inteligência aguda, uma percepção espiritual sem véu, fraternidade para com os nossos discípulos, prontidão em dar e receber conselho e instrução, um sentido leal do dever para com o instrutor, uma obediência voluntária aos mandamentos da verdade, uma vez que pusemos nela a nossa confiança e cremos que aquele instrutor está de posse dela, uma corajosa resistência em face das injustiças pessoais, uma resoluta declaração de princípios, uma valorosa defesa daqueles que são injustamente atacados, e o olhar constantemente dirigido para o ideal de progresso e perfeição humanos que a ciência secreta descreve, esta é a escada de ouro cujos degraus o estudante deve subir para alcançar o templo da divina sabedoria.

Carlos Guerra

A Regeneração Humana e os Objetivos da Sociedade Teosófica

RADHA BURNIER

Embora a Sociedade Teosófica tenha três objetivos, efetivamente ela possui apenas um único propósito, o qual consiste em elevar a humanidade do ponto de vista moral e espiritual. Isto não é idêntico ao que a maioria das pessoas considera como progresso. Porém a regeneração moral e espiritual será a força mais atuante até mesmo para produzir o progresso material. Em toda a parte podemos observar esforços que são retardados em virtude do egoísmo, das tensões e da indiferença. Assim, o progresso terá que centrar-se numa nova perspectiva, em novas atitudes.

Os objetivos da Sociedade não podem deixar de estar relacionados entre si, uma vez que se prendem com a questão do progresso humano e da perfeição, da regeneração.

A Fraternidade Universal, a realização de uma mente na qual não há qualquer preconceito, nenhuma barreira contra o que quer que seja, é regeneração, porque uma tal consciência é totalmente diferente da consciência comum. Conforme já foi mencionado, uma tal consciência tem uma qualidade religiosa. A compreensão da indivisibilidade da existência é a meta da verdadeira religião. H.P.B. diz-nos que a religião *per se* é aquilo que une os homens e os seres num todo; não é algo que divide. Desta forma, a experiência da unidade é uma experiência religiosa, uma nova forma de percepção, uma nova qualidade da mente.

Isto é uma maravilha, porque estamos no seio de uma incrível diversidade, e o processo evolutivo implica desigualdade. Nada do que

está manifestado se assemelha a nada. Este é um facto absoluto na Natureza. Quando pensamos que duas coisas são iguais, é porque exteriorizam alguma semelhança recíproca e não porque são idênticas. Quando pensamos na perfeição, podemos cometer o erro de imaginar que todos os seres perfeitos devem ser iguais. Mas tal não acontece. Todos são perfeitos, porém cada um na sua própria forma única. Esta singularidade existe em todos os níveis, nem uma única folha de uma árvore é uma réplica exata de uma outra folha.

Desta forma existem estes dois aspectos na Natureza: desigualdade e diversidade. Cada ser está no seu próprio nível na escada evolucionária e tudo é diferente de tudo o mais. No entanto o ser uno, a essência una, a tudo é subjacente. É um paradoxo: uma essência, uma vida, uma consciência no meio de uma incrível diversidade que revela uma suprema energia criadora. Embora não haja igualdade do ponto de vista externo, um valor supremo, que em tudo é o mesmo, encontra-se oculto, porque tudo é uma unidade do mesmo ser universal, uma gota no mesmo oceano de consciência. Talvez se trate de uma gota no fundo do oceano, ou uma gota que se move à superfície, porém todas as gotas fazem parte do oceano da vida. Este é o significado da sílaba sagrada *Om*, a qual simboliza os diferentes planos, os diferentes estados de diversidade, integrados num todo ou unidade. Há uma igualdade em todas as existências individuais manifestadas, porque elas são parte de uma mesma vida sagrada.

A compreensão da fraternidade é a consciencialização de algo maravilhoso, e paradoxal quando observado de um ponto de vista inferior, mas, não obstante, real. Há uma qualidade mística na compreensão da fraternidade; esta não é uma experiência comum. Quando algumas pessoas afirmam que o objetivo da fraternidade universal da Sociedade Teosófica é obsoleto, elas não sabem o que estão a afirmar. Elas olham para o facto de uma forma muito comum, não compreendendo a profundidade e a verdade que estão realmente contidas neste objetivo.

Mas a partir de um ponto de vista mais profundo, a fraternidade universal está longe de ser concretizada e não a vemos em ação em parte alguma. Se não compreendermos que este objetivo implica uma profunda revolução psicológica, não estaremos aptos a desempenhar o trabalho da Sociedade com a energia necessária. Quando a consciência humana se libertar dos seus preconceitos e barreiras, cessando de se separar de tudo o mais, materializar-se-á um novo mundo de beleza, liberdade e bondade nos níveis físicos e nos mais subtis. Krishnaji afirmou que ‘onde está o eu, a beleza não existe’, aquela beleza que é bondade, paz e bem-aventurança. Assim, quando refletimos bem, não deveria ser difícil compreender que a fraternidade universal sem distinções de qualquer espécie representa uma revolução na consciência. É a fraternidade universal que transformará a humanidade, conduzindo-a a um novo nível de existência.

Passemos agora para o segundo objetivo, o estudo de religião, filosofia e ciência que H.P.B. procurou correlacionar na sua obra *A Doutrina Secreta*, a qual denominou como uma “síntese de ciência, religião e filosofia”. Todos estes três campos de conhecimento representam caminhos para a verdade, válidos enquanto conducentes a um único ponto. A verdade é de importância primária para as nossas vidas, pois

aquilo que vemos condiciona aquilo que fazemos. Quando fazemos algo de modo errado, não harmonioso, cruel, é porque não estamos a conseguir “ver” corretamente. Se virmos a verdade na aceção básica do termo – que é o mesmo que compreender a unidade e conhecer a natureza do amor – então todas as nossas ações e relações estarão destinadas a mudar qualitativamente.

Este facto tem sido enfatizado no Oriente, onde não existia diferença entre religião e filosofia. Nas escolas filosófico-religiosas os professores destacavam que ver adequadamente é essencial em virtude do efeito que isso traz sobre as ações. Podemos recordar a bem-conhecida ilustração da Vedanta: se vir uma cobra, terá medo, tornar-se-á agressivo, podendo empurrar outras pessoas a fim de afastar-se rapidamente. Mas se compreender que a cobra nada mais é do que uma corda, a ação passa a ser diferente. As emoções e os pensamentos que surgiram ao ver a cobra não podem surgir quando se compreende que ela é apenas uma corda.

Os cientistas começaram com o estudo da natureza da matéria, mas foram avançando cada vez mais, até que alguns dos mais exponenciais estudiosos chegaram à realidade imaterial. O Sr. Alister Hardy tem questionado a força subjacente à evolução, que não é mais considerada ciência de ponta, como um desenvolvimento mecânico e aleatório. Hoyle diz-os que estatisticamente é impossível que o micro-organismo passe a ser um homem através de uma série de melhorias aleatórias. Então qual é a força por detrás disso? Ele diz-nos que é a inteligência; Hardy diz-nos que é o amor. Dirac, por sua vez, afirma que há ordem e beleza na própria natureza do Universo. Desta forma, os cientistas estão passando do estudo da manifestação material para uma realidade além e maior.

O Universo material, que parece tão real, muda; pode até mesmo vir a ser destruído. Um dia a terra pode tornar-se como a Lua. Porém, o poder que a move sempre existe, e a criatividade continua. A religião é a busca por essa existência eterna. Ela representa a libertação da existência finita e a fusão com o infinito. Estamos a mencionar a religião no verdadeiro sentido do termo e não a religião organizada. Não podemos discutir religião aqui, pois constitui um tema demasiado amplo, mas, na sua base, está a percepção de que o finito não pode compreender o infinito. Portanto, o finito – ao qual eu chamo a “minha mente” e “eu mesmo” – terá de romper o seu invólucro para poder conhecer a verdade que, no caminho religioso, é entendida como sagrada. A filosofia procura compreender a natureza e a relação de todas as coisas, brevemente resumidas como Deus, homem e Universo. A filosofia, como também a religião e a ciência, é um caminho para a verdade. Elas começam em pontos diferentes, possuem abordagens diferentes, mas o que procuram alcançar é idêntico. Então, não podem deixar de ser relacionadas entre si.

O importante a compreender é que a verdade nos liberta da insensatez das ações baseadas em falsas concepções da realidade. A verdade de ver uma corda como uma corda evita que a pessoa se afaste correndo, temerosa ou tentando matar. Nada pode ser mais certo do que a declaração: “A verdade te libertará”.

O segundo objetivo da S.T. não se preocupa apenas com o pensamento especulativo ou com discussões académicas que não estão relacionadas com os problemas do mundo e com os nossos problemas enquanto seres individuais. Aponta no sentido da remoção da ignorância, da elevação da mente para além das irrealidades em que vive. Também este objetivo está destinado a produzir a regeneração.

O terceiro objetivo é a investigação das leis ocultas da Natureza e dos poderes latentes no ser humano. Todas as leis naturais representam uma expressão da inteligência divina. Aqueles que não as compreendem, que não entendem que são imutáveis e invioláveis, passam a enfrentar uma parede impenetrável, por assim dizer, e ferem-se a si próprios.

Todo o mundo está impregnado pela vaidade, porque o homem pensa poder operar fora da lei, uma vez que não tenta compreendê-la. A lei da harmonia é talvez a mais importante, pois todas as demais leis podem ser uma expressão da magnífica harmonia do Universo.

Este objetivo implica estudo não apenas da Natureza na sua manifestação exterior, mas da correlação de tudo, porque toda a lei é uma expressão de inter-relações. Essas inter-relações são subtis e muitos pensam que nem mesmo existem. Porém a compreensão de nós próprios está vinculada à compreensão das leis e das forças que operam por trás delas. Existem muitas dessas forças e muitas formas de inteligência operantes em toda a parte. É dito que existe uma hierarquia de inteligências, trabalhando pelo grande Plano. Qual é o nosso lugar em tudo isto? Podemos reivindicar um lugar que não esteja integrado no Plano ou almejar um lugar para nós próprios de acordo com o nosso entendimento apenas? Será que teremos de abandonar as nossas ideias e descobrir como viver de acordo com o Plano? Descobrir as respostas é o mesmo que tentar compreender o que são os nossos poderes potenciais, quais as faculdades espirituais latentes na consciência humana e como elas podem ser desenvolvidas.

Mencionamos antes que, a menos que vejamos o que o ser humano é em potencial, não poderemos criar um ambiente o qual auxilie o progresso verdadeiro. Estamos fazendo o oposto, criando um ambiente caótico que suprime o potencial humano em vez de despertá-lo.

Assim, o estudo do ser humano tal como ele realmente é, das suas possibilidades mais elevadas, das profundidades ou latitudes que ele pode atingir, é importante para a humanidade.

Parece-me que para tornar eficaz o trabalho da Sociedade precisamos ver a conexão entre os três objetivos da Sociedade Teosófica e a relação dos mesmos com o desenvolvimento da consciência humana e com a elevação da humanidade. A história da Sociedade é clara neste ponto: o único propósito da sua fundação é o de auxiliar no verdadeiro progresso da humanidade. Como

pode ter objetivos que não estejam relacionados com este fim? Talvez nos nossos ramos e grupos não tenhamos considerado suficientemente o significado dos três objetivos da Sociedade. Presumimos que não estejam interligados. Mas, se virmos a inter-relação, então todos nós poderemos trabalhar em conjunto pela mesma ideia, que é de renovação da mente humana.

∞

Extratos de Human Regeneration (1990) de Radha Burnier

O Verdadeiro Conhecimento... não é um estado mental mas sim um estado espiritual, implicando completa união entre o Conhecedor e o Conhecido.

K.H.

O percurso pela vida terrena leva-nos através de muitos conflitos e provações, mas aquele que nada faz para os conquistar não pode assim esperar triunfo algum.

M.

A Heresia da Separatividade

PATRIZIA CALVI

*“Juntos, mantemo-nos de pé, divididos caímos” (Pink Floyd, Hey You)
‘Omnia munda mundis’ (Titus 1:15)*

Para começar, gostaria de citar as seguintes palavras inspiradoras de *A Voz do Silêncio*: “Se através da Sala da Sabedoria queres alcançar o Vale da Bem-Aventura, discípulo, fecha bem os teus sentidos à tremenda heresia da separatividade que te aparta dos demais”. O sentimento de separatividade pertence aos níveis inferiores da manifestação mas, infelizmente, a única realidade por nós considerada é este nível das nossas percepções sensoriais.

Contudo, o que vemos não é o que realmente é, mas simplesmente algo influenciado por aquilo que somos, uma realidade vista através de uma espécie de ecrã individual. Se, por exemplo, Gautama Buddha entrasse nesta sala não veria uma centena de pessoas mas uma centena de Buddhas. Vale a pena salientar como esta afirmação afecta significativamente não só o nosso trabalho interno como a sua qualidade e acção na sua essência. É sempre útil recordar que interpretamos tudo e todos através do nosso estado de consciência, isto é, criamos a nossa própria realidade, influenciando os nossos pensamentos e acções; mas para além de todos os acontecimentos e situações que observamos e que nos impressionam, existem níveis mais profundos de vida e de verdade.

Como buscadores espirituais, precisamos de avançar para uma consciência desperta, pois temos de estar perfeitamente cientes de que somos, primeiro que tudo, ‘almas’, poderosas e invisíveis,

e que, por conseguinte, temos de considerar não apenas o nosso aspecto material, tão limitado e limitador até mesmo a um nível perceptivo.

Do ponto de vista teosófico, a nossa existência neste planeta dá-nos a oportunidade de trilharmos esse caminho ao longo do qual os dons espirituais vão amadurecendo; compreendemos que espírito e matéria são uma única coisa e que qualidades transcendentais são pertença de todos desde que estejamos conscientes delas e sejamos capazes de as desvelar.

Tudo isto deve ser visto como um sinal dessa sabedoria absoluta, a qual, ao reconhecer a unicidade do Universo com tudo o que nele existe, afirma não haver separatividade dentro do TODO e que a dor e a tristeza provêm da nossa incapacidade de uma compreensão total.

Portanto, não há apenas a necessidade de nos identificarmos com os veículos da nossa personalidade (nível do corpo físico, nível astral ou emocional e *manas* inferior), mas também o esforço para transpormos o conhecido, o qual gera constantemente ilusões, em direcção ao Vale da Bem-Aventura, longe da ‘grande e tremenda heresia de separatividade que te aparta dos demais’.

Assim, prestemos especial atenção ao aspecto de *mâyâ*, que limita e põe travão às nossas experiências dentro do conhecido, enquanto a vastidão do desconhecido nos permeia sem que disso nos apercebamos.

Mâyâ é o Eu que se vela a si próprio, tal como acontece com toda a unidade diferenciada através dos seus ciclos ilusórios; está na sua substância que é una com o Espírito Supremo e Único.

O véu mistificador que tudo encobre, envolve-nos a todos nós bem como os nossos valores confusos com as suas superficialidades, que nos levam a reexaminar, distorcer, escolher e relativizar percepções mentais através do nosso sistema sensorial, para mantermos e perpetuarmos o sentido de separatividade.

Enquanto teósofos, afastarmos o véu de *mâyâ* pode significar assumirmos a responsabilidade de encontrarmos o verdadeiro Eu, a nossa essência, sermos o que verdadeiramente somos, pôr termo às ilusões subtis que nos separam do Todo, perseguindo essa brilhante alvorada que sempre foi nossa.

Parafraseando *Luz no Caminho*, pode afirmar-se que o ‘espírito de fraternidade’, a luz do mundo, a única que ilumina o Caminho, habita dentro de nós. Todavia, se não formos capazes de a discernir em nós, de nada nos serve procurá-la em qualquer outro lado, talvez censurando outros pela sua falta neles. Ela também existe para além de nós e, quando a alcançamos, perdermo-nos.

Regra geral, no desenvolvimento individual a primeira coisa a materializar-se é o espírito de cooperação, o qual, ao dar valor às relações mútuas entre todos os seres humanos, cria laços, sinergias, colaborações harmónicas e frutuosas ao nível social. Então, graças às relações ‘amadurecidas’, tomamos consciência de que o princípio divino reside dentro de todos nós.

Então, toda a acção se torna impessoal para benefício de toda a humanidade, purificando pensamentos e sentimentos que então se movem verticalmente ao vivermos a chama ardente do altruísmo numa expansão sem fim e na perpétua procura do Bem do Todo.

Reflectindo agora sobre alguns tópicos, consideremos, de acordo com a literatura teosófica, a necessidade de fazermos com que alguns grupos de pessoas se juntem para se aperceberem não só das relações kármicas mútuas, mas também para aprenderem a trabalhar em conjunto para um único grande objectivo. Está claro que isto também se aplica a nós, aqui e agora. O valor do trabalho conjunto é maior do que a concretização de um projecto porque dá origem a sinergias subtis e poderosas, de cuja vitalidade amorosa surgirá a luz divina de *buddhi*, que é a energia ardente do homem espiritual. E quando o veículo *búdico* está desenvolvido e a introvisão alcançou o cérebro físico, será concedida sabedoria e conhecimento perfeito.

De acordo com a Sabedoria Antiga, de todos os atributos o amor é o atributo mais importante. Começa com uma atitude de boa vontade, de amizade para com os outros, de compreensão e com bons impulsos, com o objectivo de auxiliar os outros no caminho para a felicidade. Desse sentimento pessoal pode desenvolver-se uma disposição universal.

Numa carta datada de 1881, o Maha Chohan escreveu: ‘Não é o propósito individual e determinado de se alcançar o Nirvana (o cumular de todo o conhecimento e sabedoria absoluta) que, ao fim e ao cabo, não passa de um *egoísmo* exaltado e glorioso, mas a prossecução abnegada dos melhores meios que conduzam os nossos semelhantes ao caminho recto, que possibilitem que o maior número possível dos nossos companheiros de jornada beneficiem dele, que constitui o verdadeiro ‘Teósofo’. Trata-se de uma simples afirmação de fraternidade, embora bem profunda, e também um modelo para a nossa própria vida.

Não sou uma erudita eminente, cientista, filósofa ou sacerdote. Sou uma pessoa normal, mas a minha palestra resultará bem ou mal consoante a vossa atitude amigável ou hostil.

Porquê? Que força é essa, tão poderosa e única, capaz de produzir um tal milagre?

Queridos Irmãos, dentro da nossa organização desenvolvemos grandes capacidades para encontrar aspectos comuns na religião, na filosofia e na ciência, mas também temos de encontrar aspectos comuns entre nós mesmos. A fraternidade é o nosso desafio, a nossa missão.

‘Irmão’ provém da palavra latina *frater*, que corresponde ao *bhrathru* sânscrito e é provavelmente da sua raiz *bhar*, que significa trazer, sustentar, que a palavra tem a sua origem (daí o *bruder* alemão e o *brother* inglês), com o significado de ‘filhos do mesmo pai’. O termo grego é *phrater-phrator*, que é membro de uma tribo. Por isso partilhámos uma mesma origem, laços que são bem mais importantes do que quaisquer laços sanguíneos, porque nos tornam iguais num nível mais elevado, o nível espiritual, permitindo-nos estar no mesmo comprimento de onda quando trabalhamos juntos e expressamos o nosso próprio potencial.

HPB costumava dizer, em 1888, que os Mestres pouco podem fazer se os membros da Sociedade Teosófica não partilharem pensamentos e sentimentos.

O que é a Fraternidade se não formos capazes de concretizar a nossa dita sabedoria? Conhecimento e palavras não são Teosofia, não têm qualquer valor, nenhum direito de cidadania, não temos qualquer direito de as pronunciar ou expressar; a luz divina não atinge a alma humana enquanto o homem permitir que a sua natureza inferior o domine. O nosso conhecimento é como folhas de papel e a Fraternidade é necessária para as manter unidas de modo a evitar a dispersão.

Seremos ainda capazes de sentir que somos todos um? Este é o desafio que a Sociedade Teosófica tem de experienciar neste período de tempo histórico. Estamos conscientes disto? Pensamos em nós como irmãos, filhos

do mesmo pai, isto é, pertencendo à mesma família e, assim, trabalhando juntos?

Agora, mais do que nunca, a nossa Sociedade Teosófica precisa de unidade e de solidariedade de modo a que, enquanto agimos de acordo com as leis da perfeita harmonia, ela permita, a todo aquele que o queira, poder servir da melhor forma possível. Para florescer, a Sociedade Teosófica tem de crescer a partir de dentro, mas a maturidade e nível de consciência de toda a associação depende da contribuição de cada membro por si, da sua consciência individual, abnegação e altruísmo. Conceitos básicos e absolutamente fundamentais como Fraternidade Universal sem qualquer distinção não podem ser violados intencionalmente sem que se tome em consideração as consequências no nível metafísico, sem que se entenda plenamente o prejuízo causado por essa falta de harmonia. É uma rede subtil, embora poderosa, que nos une a todos.

Todos somos a Sociedade Teosófica, mas qual é o nosso estado de espírito, que entusiasmo usamos todos os dias para renovar os nossos elos de amor com a Vida e os Mestres, que atitude é a nossa para com outros irmãos, o crescimento interior que nos permite trabalhar positiva e proactivamente para o bem dos nossos companheiros, sabendo que todos nos encontramos num tipo de provação como membros desta associação? O mais importante é prosseguirmos juntos, unidos, no objectivo da Fraternidade Universal sem distinções e creio que a única maneira de sairmos deste impasse consiste em fazermos sugestões construtivas e oferecendo compreensão e cuidado amoroso; tudo isto permitirá que o nosso grupo avance com solenidade e harmonia com o apoio da nossa força pessoal, unidos nas nossas intenções, pensamentos e palavras positivas, puras e fraternais. Não somos apenas uma associação; a fraternidade sem distinções é uma

tarifa que nos é exigida; somos os Cavaleiros da Fraternidade e ninguém poderá alguma vez destruir esta maravilhosa unidade com os seus objectivos comuns tão profundos e antigos como a Sabedoria Eterna.

A mesa teosófica é a tábua redonda por excelência onde cada um é *primus inter pares* (primeiro entre iguais), sendo considerado somente consoante os seus valores espirituais. Se pensarmos que nenhuma folha de árvore é igual a outra; que a Natureza concedeu a cada ser humano qualidades únicas, inimitáveis para ele desenvolver, e se nós somos – felizmente – diferentes uns dos outros, o grande desafio é agrupar todos os seres sob uma só bandeira, a bandeira da Verdade.

Numa conversa com o padre jesuíta E.Schallert Jiddu Krishnamurti disse: *“Porque, como pode ver, ao fim e ao cabo, o que é importante na vida é a unidade e a harmonia entre os seres humanos. Isto só pode acontecer se houver harmonia em cada um; e essa harmonia não é possível se houver qualquer tipo de divisão dentro ou fora, no exterior ou no interior”*.

É necessário aprender-se de novo a compreender, a unir e não a dividir, aceitar tudo e todos, distinguir entre o que nos dá liberdade e aquilo que nos aprisiona na inconsciência, dado que o todo é mais do que a soma das suas partes. Se permanecermos juntos seremos irresistíveis.

Estaros unidos não significa que não podemos ser diferentes, visto que as diferenças são de facto grandes recursos e ricas oportunidades – a nossa contribuição, enquanto indivíduos para o Um. Creio que devemos começar de novo a trabalhar juntos silenciosamente, com confiança, tendo em mente que somos uma só ‘alma’, forte e com grande capacidade, capaz de colaborar e conseguir uma harmonia universal. ‘Romper pontos’ como os de agora faz-nos lembrar as nossas responsabilidades, pedindo-nos

que caminhemos para uma consciência desperta. Nos tempos caóticos e confusos em que vivemos ainda podem surgir estrelas.

Este processo é semelhante ao trabalho gracioso, involuntário, das ostras, as quais, estimuladas por grãos de areia, criam pérolas. É uma forma de comportamento que oferece respostas proactivas, criativas, que vai directamente ao coração da Vida, da Verdade, permitindo-nos ‘atravessar a sala da Sabedoria para alcançar o Vale da Bem-Aventura’.

Jiddu Krishnamurti afirmou:

A Verdade só pode chegar até vós quando a vossa mente e o vosso coração forem simples, transparentes, e houver amor no vosso coração; não se o vosso coração estiver cheio de coisas mentais. Quando há amor no vosso coração, não falais em organizações para a fraternidade, não falais de crenças, não falais de divisão ou dos poderes que criam divisão, não precisais de procurar reconciliação. Então sois um simples ser humano sem nenhuma etiqueta, sem um país. Isto significa que deveis despir-vos de todas essas coisas e permitir que a verdade brote, o que só pode acontecer quando a mente está vazia, quando a mente cessa de criar.

É a única maneira de vivermos de acordo com a maravilhosa harmonia da Vida, de sermos verdadeiros *peregrini in itinere*, autênticos Cavaleiros da Ordem da Fraternidade sem Distinções. ∞

In The Theosophist, Fevereiro de 2011
Palestra proferida no 10º Congresso Mundial da S.T.,
Roma, Julho 2010

Olcott e Blavatsky: Gêmeos Teosóficos

JOHN ALGEO

Um Ensaio sobre Arquétipos

Costumávamos dizer que éramos Gêmeos Teosóficos [ODL 1.9.141]¹ A referência de Henry Steel Olcott a Helena Blavatsky e a ele próprio como “Gêmeos Teosóficos” possui uma profundidade não imediatamente aparente. Visto superficialmente, parece tratar-se apenas da afirmação de que eram semelhantes no que se refere à Teosofia. No entanto, a expressão evoca igualmente uma referência arquetípica. As observações que se seguem são um ensaio, uma tentativa para explorar essa evocação, considerando quatro pontos: a natureza dos arquétipos; a extensão e significado do arquétipo de Gêmeos; como esse arquétipo se aplica a Olcott e Blavatsky; e, por fim, como se aplica também a todos nós.

1. Arquétipos

Como acontece com muito do pensamento ocidental, o conceito de arquétipos remonta a Platão. Platão defendia a existência de formas ideais das quais os objectos deste mundo mais não eram do que cópias ou reflexos. As formas ideais arquetípicas de Platão são absolutamente reais e imutáveis. O seu reflexo no nosso mundo é só relativamente real e impermanente.

1 As referências a Old Diary Leaves (ODL) de H.S. Olcott são por volume, capítulo e página(s). A referências a Mahatma Letters to A.P. Sinnett (ML) pertence à edição cronológica por número de carta e página. A referência às Letters from the Masters of the Wisdom (LMW) é por volume ou número de série, número de carta e página.

Presumivelmente existe uma árvore arquetípica da qual todos os carvalhos, pinheiros, palmeiras, ulmeiros, etc., são apenas reflexos parciais e imperfeitos. Por mais diferentes que aquelas árvores possam parecer umas das outras todas partilham a qualidade de “ser árvore”. Essas variedades particulares de árvores são, todas elas, géneros do arquétipo da Árvore.

A teoria dos arquétipos de Platão está relacionada, e pode ter-se desenvolvido a partir da sua preocupação em analisar a linguagem para descobrir a Verdade. Quando falamos sobre árvores – e se agruparmos carvalhos, pinheiros, palmeiras, ulmeiros, etc., dentro dessa categoria – “o ser árvore” deve existir como algo aparte de árvores particulares. Se não, à nossa conversa falta uma base real e filosófica (na medida em que consiste em analisar a linguagem numa base de verdade), é vazia.

O psicólogo suíço Carl Jung actualizou e internalizou os arquétipos. Jung mantinha que eles eram conteúdos do nosso inconsciente colectivo, que se desenvolveram ao longo das idades evolutivas através das experiências dos nossos antepassados. Acreditava serem propriedade comum da nossa espécie e, enquanto conteúdos do inconsciente, não serem directamente acessíveis à mente consciente. Pelo contrário, Jung pensava que os arquétipos inconscientes são energias poderosas que se manifestam na mente consciente através de sonhos, visões, símbolos, etc.

As manifestações arquetípicas variam, na

sua natureza, de cultura para cultura, embora em todas as culturas possam ser reconhecidas como relacionadas com a sua fonte inconsciente comum. Assim, existe o arquétipo da Grande Mãe que se manifesta como Isis no Egipto, Kwan Yin na China, Vénus de Willendorf na Áustria da idade da pedra, a Diana de Éfeso com muitos seios, a Virgem Maria e Mãe no Cristianismo, Sofia no Gnosticismo, Kali no Hinduísmo, etc. Diferentes manifestações culturais têm o seu foco em aspectos diferentes do arquétipo comum inconsciente, podendo parecer assim superficialmente bastante diferentes, embora todas partilhem, no seu cerne, uma qualidade central. No caso do exemplo acabado de citar essa qualidade é “o aspecto materno”.

Jung desenvolveu a sua teoria dos arquétipos para explicar como alguns dos seus doentes sonhavam ou rabiscavam complexas imagens simbólicas que são essencialmente iguais às dos antigos manuscritos alquímicos de que era impossível eles terem conhecimento. Postulou um aspecto da mente humana do qual não estamos directamente conscientes, mas que herdamos dos nossos antepassados tal como herdamos os traços físicos dos nossos corpos.

Os arquétipos de Platão e de Jung são conceitos claramente relacionados, embora sejam também conceitos nitidamente diferentes. Mas então como é que a Teosofia entende o conceito dos arquétipos? Existe um ensinamento teosófico básico que diz que toda a forma exterior é modelada sobre uma forma interior. O que as coisas são não é imposto de fora, mas desenvolve-se a partir das suas naturezas internas.

Ao responder à pergunta de como as espécies se diferenciaram umas das outras (questão levantada e respondida por Charles Darwin), H.P. Blavatsky refere-se ao “facto oculto da diferenciação das espécies das primeiras *raças-tipo astrais*” [SD 2:737]. O termo *astral* aqui utilizado não possui o significado tardio, mais

específico de “emocional”, significando antes “interior” ou “subtil”. Estas raças-tipo astrais (ou interiores) são os arquétipos. Blavatsky prossegue com a sua elucidação:

Seja qual for o efeito da selecção natural, etc., etc., **a unidade fundamental do plano estrutural** permanece praticamente não afectada por todas as modificações subsequentes. A “Unidade de Tipo” comum, num certo sentido, a todo o reino animal e humano não é mais do que uma testemunha da unidade essencial do “plano-base” que a Natureza seguiu ao moldar as suas criaturas.

O que Blavatsky diz aqui não é diferente do que dizem os actuais geneticistas. Embora a selecção natural darwinista explique como as espécies se diferenciaram, todas as espécies de todas as criaturas vivas foram construídas de acordo com a mesma “unidade fundamental do plano estrutural”. Os cientistas identificaram agora esse “plano estrutural” como ADN, que é a base molecular de toda a hereditariedade. É o “plano-base” da natureza segundo o qual as formas físicas de todas as criaturas são moldadas.

Na passagem seguinte menciona-se um entendimento teosófico afim:

Assim, todo o mortal possui, no céu, a sua contraparte imortal, ou antes o seu Arquétipo. Isto significa que o mortal está indissoluvelmente unido ao imortal em cada uma das suas encarnações e durante o período de duração do ciclo de nascimentos; mas é-o somente pelo Princípio espiritual e intelectual nele, inteiramente distinto do eu inferior; e nunca através da personalidade terrena. [CW 14:51]

Aqui Blavatsky fala daquilo a que usualmente se chama a nossa personalidade e nossa individualidade. E refere-se à nossa individualidade como o nosso “Arquétipo”, o “Princípio espiritual e intelectual” em nós, que se manifesta ou reflecte na nossa “personalidade terrena” mortal. Tal como a natureza tem um

“plano-base” arquetípico de acordo com o qual todas as coisas vivas são modeladas, também nós temos, individualmente, um arquétipo, o nosso “Princípio espiritual e intelectual” que se reflecte em e expressa através da nossa “personalidade terrena” mortal, ou melhor da nossa série de personalidades terrenas.

Este conceito da nossa individualidade como nosso arquétipo também se encontra expresso no maravilhoso mito da criação no volume da Antropogénese de A Doutrina Secreta. A Estância 17 dessa série do Livro de Dzyan relata a formação da constituição humana por um comité (com a típica indecisão e ineficácia dos comités). O comité inicia entusiasticamente o seu trabalho. Os Pais Lunares dão-nos a nossa forma, sobre a qual a Terra modela um corpo. O Sol dá-nos a nossa vitalidade e certos Dhyanis (ou meditadores) dão-nos um “espelho” do nosso corpo (também chamada sombra astral ou interior). Um filho do deus do fogo dá-nos as nossas paixões e instintos animais. Estas dádivas constituem a base da nossa personalidade terrena. Mas é então salientado que os seres humanos também precisam de “uma mente para abarcar o universo”. Assim, a evolução deteve-se.

Contudo, de repente surgem salvadores como Lone Rangers sobre cavalos brancos. São os mânasaputras (termo que significa “filhos da mente”). São a progénie da inteligência cósmica e incarnam nas personalidades terrenas desprovidas de mente. Estes Mânasaputras são as nossas individualidades, os nossos arquétipos, “nó próprios”. As nossas personalidades que costumamos pensar como sendo nós próprios são na verdade apenas reflexos parciais e imperfeitos dos absolutamente reais e permanentes arquétipos, que são as nossas individualidades. Como Blavatsky diz noutra lado:

A filosofia oculta ensina-nos que a mente humana (ou Manas inferior) é um raio directo ou

reflexo do Princípio Superior, a Mente Noética. Esta é o Ego reincarnante a que os antigos filósofos arianos chamavam Manasaputra, os “Filhos da Mente” ou de Mahat, a Mente Universal Cósmica. [CW 12:411]

Assim, em termos teosóficos, os arquétipos são as realidades interiores ou “astrais” (isto é, subteis) das quais as formas exteriores são apenas expressões temporárias. No que se refere a nós, seres humanos, as nossas personalidades exteriores terrenas são apenas tipos ou expressões das nossas individualidades internas, arquetípicas.

2. O Arquétipo dos Gémeos

Entre os muitos arquétipos que vêm expressos, por todo o mundo, nas mitologias, literatura, lendas, etc., encontra-se o dos Gémeos. Ora, os Gémeos arquetípicos nem sempre são corporizados como idênticos gémeos genéticos nos escritos simbólicos do mundo. Em vez disso, o arquétipo pode ser expresso como irmãos vulgares ou amigos ou, ainda, como inimigos. O arquétipo pode ser expresso por duas pessoas, relacionadas pelo sangue ou não, que partilham certas características. E essas características partilhadas justificam que essas pessoas sejam consideradas como dois seres “irmanados”, isto é, que se completam intimamente.

Falando de modo mais particular, há dois tipos de Gémeos arquetípicos: Gémeos Corporativos e Gémeos Rivais. Talvez os exemplos mais conhecidos de Gémeos Corporativos sejam os Dioscuri Castor e Pollux (Dioscuri é um termo grego que pode ser traduzido como “rapazes divinos”). Castor e Pollux eram irmãos, ou meios-irmãos, ambos filhos de Leda, mas de pais diferentes. O pai de Castor era o marido de Leda, Tyndareus, rei de Esparta. O pai de Pollux era o deus Zeus, que se encantara com Leda e a visitava sob a forma de um cisne. Como resultado das diferentes paternidades, Castor era mortal e Pollux imortal; contudo

eram irmãos e amigos sinceros. Cresceram juntos, navegaram juntos com os Argonautas à procura do Tosão de Ouro, caçaram juntos o javali caledónio.

Contudo, Castor, o irmão mortal, acabou por morrer em combate e o irmão imortal, Pollux, ficou desolado. Então Pollux foi ter com Zeus, seu pai, e pediu-lhe para partilhar a sua imortalidade com o seu irmão mortal. Propôs que ficassem juntos para sempre, metade do tempo no Hades, para onde iam os mortais mortos, e a outra metade do tempo no Monte Olimpo, a morada dos deuses. Zeus ficou tão impressionado com este sinal de lealdade fraterna que colocou os dois rapazes nos céus como estrelas, onde ainda brilham intensamente na constelação de Gémeos.

É fácil encontrar outros exemplos de Gémeos Corporativos. Outro exemplo proeminente são os Ashvins hindus, deuses cavalo gémeos que quase de certeza estão historicamente relacionados com os Dioscuri gregos (gregos e hindus são dois povos com culturas intimamente relacionadas). Um par hebreu é constituído por David e Jonathan. (Recorde-se que os Gémeos arquetípicos não precisam de ser gémeos genéticos ou sequer relacionados, podendo antes ser almas gémeas). Exemplos recentes são os gémeos biológicos Fred e George Weasley nos livros de Harry Potter. Alguns gémeos corporativos são muito parecidos entre si: Fred e George Weasley são exemplos disso. Outros contrastam vivamente nalgum aspecto. Assim, dos Dioscuri, Castor é mortal e Pollux é imortal.

Também se encontram muitos Gémeos Rivais. Os exemplos mais famosos do arquétipo são Caim e Abel, em que Caim, lavrador, matou o irmão Abel, pastor. Rómulo e Remo, gémeos amamentados por uma loba, são outro par semelhante. Rómulo partiu para fundar a cidade de Roma, mas quando Remo fez troça

do seu esforço inicial, Rómulo matou-o. No Irão, Ahura Mazda, o “Senhor Sábio” emanou dois espíritos: Spenta Mainyu e Angra Mainyu, o Espírito Sagrado e o Espírito Destrutivo, cujas disputas são eternas. No Egipto, Osiris é morto e seu corpo mutilado pelo seu gémeo mau, o deus Set. A rivalidade pode não ser violenta: no caso de Maria e Marta bíblicas, Maria é estudiosa e teórica, enquanto Marta é prática e dedicada ao serviço. O *Dr. Jekyll e Mr. Hyde* de Louis Stevenson é pouco comum no facto de os gémeos rivais serem aspectos diferentes da mesma pessoa, tema também usado no *Feiticeiro de Earthsea*, de Ursula LeGuin, em que Geb e a sua Sombra são a mesma entidade. O exemplo mais conhecido de Gémeos Rivais na literatura actual é o de Harry Potter e Voldemort, que não são sequer da mesma geração, mas que partilham entre si partes das suas almas e corpos, sendo assim literalmente almas gémeas e irmãos de sangue.

Nalguns casos, gémeos que pareciam ser rivais acabam associando-se. *Gilgamesh*, épico babilónico, é disso exemplo. Gilgamesh é um grande rei da cidade de Uruk. Representa a civilização, a ordem e educação. Enkidu é um homem desordeiro e salvagem que vive no meio dos animais e vagueia pelo deserto. Enkidu ataca Gilgamesh, seu oposto em praticamente todos os aspectos, mas na luta final Gilgamesh vence pela força e estratégia. Ordem e civilização (representadas por Gilgamesh) vencem a desordem e o primitivismo (representados por Enkidu). Todavia, Enkidu fica tão impressionado com a proeza de Gilgamesh que admira o vencedor, de modo que os dois fazem o juramento de lealdade mútua e tornam-se amigos íntimos para o resto das suas vidas partilhadas. A substituição de oposição armada pelo abraço fraternal também é encontrada nas histórias do Rei Artur e de Landelot e de Robin dos Bosques e de João Pequeno.

A maior parte dos exemplos dos Gémeos arquetípicos consiste em pares cujos membros são do mesmo sexo. Mas também há casos de gémeos de sexos diferentes. Na mitologia grega, Apolo e Artemisia, o deus do sol e a deusa da lua, são filhos gémeos de Zeus e da Titá Leto. A mitologia japonesa fala do mundo (ou pelo menos das ilhas do Japão) criado por um par irmão-irmã: Izanagi e Izanami. Os livros dos Gémeos Bobbsey, da antiga literatura infantil, descrevem as aventuras de dois grupos de gémeos, cada grupo consistindo de um irmão e de uma irmã: Bert e Nan, os mais velhos, e Flossie e Freddie, os mais novos. Um par mais recente que descobriu serem gémeos são Luke Skywalker e Leia Organa, da Guerra das Estrelas.

Para além dos gémeos supracitados, ambos cooperantes e rivais, encontram-se outros nos mitos dos povos da África Ocidental, dos Maias, Navajos, Cananitas, Sumérios e noutras culturas. Por que razão os gémeos estão tão difundidos na literatura e no mito? Em termos junguianos poderíamos dizer que os gémeos representam o sentido que temos de uma diferença entre os nossos próprios egos e alguns “outros nós”. O outro pode ser uma figura sombra ou um Eu melhor, uma máscara ou uma anima/animus.

Falando de forma arquetípica, os Gémeos são dois aspectos de nós. Se quisermos transformar-nos, primeiro temos de reconhecer quem somos. Este reconhecimento é grandemente ajudado pelos mitos e histórias. Pois todos os arquétipos somos nós. Ao observarmos a sua interação, aprendemos quem somos e o que somos, e, mais importante que tudo, aprendemos como podemos mudar. O arquétipo dos Gémeos também ajuda a definir o nosso relacionamento com outros seres humanos: quer cooperando, quer rivalizando. A cooperação e a rivalidade não se excluem mutuamente. De facto, como no mito de Gilgamesh e

Enkidu, idealmente a rivalidade conduz à cooperação fraterna. Todas as relações humanas envolvem tanto rivalidade como cooperação. O necessário é haver um equilíbrio entre estes opostos. E esta observação leva-nos a Olcott e Blavatsky.

3. Olcott e Blavatsky como Gémeos

Os arquétipos têm uma forma de se expressar não apenas nos mitos e na literatura, mas também na vida das pessoas. Em *Old Diary Leaves*, Henry Steel Olcott, referindo-se a Helena Petrovna Blavatsky e a si mesmo, fez uma declaração que se tornou famosa: “Costumávamos falar de nós mesmos como os Gémeos Teosóficos”. Esta declaração foi tomada para título deste artigo. Qual o significado da declaração de Olcott? O que podemos concluir, a partir das suas próprias palavras, acerca do que pretendia dizer com essa declaração? E que diferença isto faz? O resto deste artigo debruça-se sobre estas questões.

No que diz respeito aos fins e aos compromissos, Olcott e Blavatsky foram personificações dos Gémeos Corporativos. E isto é sem dúvida o que Olcott tinha em mente quando escreveu a declaração há pouco citada. Mas, em outros aspectos, eram ambos nitidamente diferentes, e essas diferenças levaram-nos, por vezes, à personificação de Gémeos Rivais. Esta combinação de cooperação e de rivalidade é bastante normal no inter-relacionamento humano.

Olcott e Blavatsky eram idênticos no seu total empenhamento no trabalho dos Mestres. A devoção de Blavatsky aos Mestres, durante toda a sua vida, foi o motivo de tudo o que realizou. Sobre Olcott, o Mestre K.H. escreveu o seguinte:

Podemos confiar nele em todas as circunstâncias, e o seu serviço fiel a que se comprometeu connosco é certo tanto no êxito como na derrota. Onde podemos nós encontrar igual devoção? Ele

é alguém que pode cometer inúmeros erros por excesso de zelo, mas está sempre disposto a reparar as suas falhas, mesmo à custa da maior humilhação pessoal; é alguém que considera o sacrifício do conforto pessoal e, até mesmo, o sacrifício da vida como algo que deve ser arriscado com alegria, sempre que necessário; é capaz de comer qualquer alimento ou, até mesmo, passar sem comida; que dorme em qualquer cama, trabalha em qualquer lugar, confraterniza com qualquer pária, suporta qualquer privação pelo amor à causa. [ML 5,17]

Foi em tal devoção, serviço e sacrifício que Olcott e Blavatsky foram gémeos. Olcott e Blavatsky foram os dois principais fundadores da Sociedade Teosófica, e os dois principais construtores do que viria a ser a Teosofia moderna – Blavatsky no aspecto teórico interno e Olcott na aplicação do aspecto externo. Olcott diz o seguinte sobre o relacionamento entre ambos:

Ela era o Mestre, eu o aluno; ela era o mensageiro incompreendido e insultado dos Grandes Seres, eu era o cérebro pragmático que planeia, a mão direita que organiza os detalhes práticos. De acordo com a classificação Hindu, ela seria o Brâmane que ensina e eu o Kshattriyia que luta; de acordo com a classificação budista, ela seria o Bhikshu e eu o Dyâkyia ou o laico. [ODL 4.2:22-3]

Nem a Sociedade Teosófica nem a Teosofia seriam o que são hoje se não fosse o trabalho conjunto destes “Gémeos Teosóficos”. Existia um foco indestrutível de vitalidade no entusiasmo inextinguível dos dois amigos, a mulher de origem russa e o homem de origem americana, no seu zelo extremo; que nunca, por um momento, duvidaram da existência dos seus Mestres, da excelência do seu trabalho ou do completo êxito final que o coroaria. *A coisa que mais sentíamos à medida que o tempo passava era que ambos podíamos confiar totalmente um no outro em prol da Teosofia, ainda que o próprio céu desabasse; para além disso, tudo dependia das circunstâncias. [ODL 1.9:141]*

A relação de gémeos dos dois amigos envolveu mais do que apenas ideais comuns. Também os unia uma ligação psíquica. Um exemplo dessa ligação foi relatado por Olcott ao descrever um incêndio terrível que ocorreu perto de Adyar enquanto HPB estava na Europa:

Ocorreu uma tragédia assustadora. O Parque do Povo, em Madras, durante os dias da Convenção [Dezembro de 1885]; umas três ou quatro centenas de pessoas morreram queimadas pelo pânico que delas se apoderou quando algumas lojas e vedações feitas de folhas de palmeira acidentalmente começaram a arder na Festa do Povo que estava a decorrer. O motivo pelo qual menciono isto é o facto de a onda de agonia que foi criada na Luz Astral ter alcançado HPB nos seus aposentos na Bélgica e de lhe ter causado uma enorme agitação por causa da nossa segurança.

Este é um fenómeno psicológico bastante instrutivo. A “onda de agonia” de que falei tocou, é claro, Adyar, em primeiro lugar dada a sua proximidade, e, a partir de mim, passou para HPB com quem eu estava, espiritualmente, tão intimamente ligado. [Da mesma forma], quando ela morreu em Londres, em 1891, eu fiquei ciente desse acontecimento, em Sydney. Costumávamos chamar a nós mesmos “gémeos”, e éramos gémeos até ao ponto em que a afinidade de compreensão no âmbito do nosso trabalho o permitia. Nada de mais considerando o quanto tínhamos trabalhado juntos! [ODL 3.23:343-5]

Às vezes, outros faziam tentativas para erguer uma barreira entre os gémeos. Mas o compromisso entre ambos e para com os Mestres vencia todas essas tentativas. No decurso de uma dessas tentativas, em 1887, Blavatsky escreveu a Olcott, de Inglaterra, e este relata a mensagem de HPB:

Ela implora-me, pelo “*afecto real, mais que fraterno*” que tem por mim, pela sua “*lealdade*”

interior, não exterior” para comigo como seu “*colega, amigo íntimo e companheiro de trabalho na obra do Mestre*”, que eu quebre a parte indiana da conspiração. Numa outra carta ela escreve: “*Amo-o mais do que a alguém à face da terra, excepto o Mestre; a minha amizade e carinho fraternal por si são eternos e se pensa que eu seria capaz de ir contra si, ou sequer contra a S. T., então sois ----*”. A utilização da palavra “eternos” por HPB tem um significado mais profundo do que superficialmente possa parecer, tal como aqueles que traçaram as nossas relações mútuas em vidas passadas (ambos homens em todas elas) entenderão. Basta dizer que esta não é a primeira vez que estamos intimamente associados nos caminhos evolutivos das nossas duas entidades. [ODL 4.2:24]

Em várias ocasiões surgiram desentendimentos entre Olcott e Blavatsky. Essas divergências foram parcialmente fomentadas por pessoas na Europa que admiravam Blavatsky e queriam quebrar os laços com Olcott e com Adyar. Foram, em parte, o resultado de um conflito entre a autoridade externa e a autoridade interna que surgiu com a intenção de Blavatsky formar uma Escola Esotérica de que ela seria a única responsável. Em 1888, Olcott tomou o navio para Inglaterra com a intenção de pôr fim àquilo que julgava ser o início de uma insurreição. A bordo do navio, Olcott recebeu uma carta do Mestre K.H. que mencionava o seguinte:

HPB não tem qualquer interesse pelos detalhes administrativos, devendo ser mantida afastada deles tanto quanto a sua natureza forte conseguir ser controlada. Mas deveis *dizer a todos o seguinte – relativamente a assuntos ocultos ela tem tudo a ver*. Nós não a abandonámos; ela não está ‘entregue a chelas’. Ela é a nossa agente directa. Advirto-o para que não permita que as suas suspeitas e ressentimentos contra as ‘suas muitas tolices’ perturbem a sua lealdade intuitiva para com ela. No tratamento deste

assunto europeu terá dois aspectos a considerar – o aspecto externo e administrativo, e o aspecto interno e psíquico. Mantenha o primeiro sob o seu controlo e sob o controlo dos seus associados mais prudentes, em conjunto; *deixe o último aspecto para ela*. Pode planear os detalhes práticos com a sua habilidade habitual. Seja apenas cuidadoso, insisto, quando alguma interferência dela sobre assuntos práticos lhe for solicitada, para discernir entre aquilo que é meramente exotérico em sua origem e efeitos, e o que, iniciando-se no nível prático, tende a produzir consequências no plano espiritual. No primeiro caso vós sois o melhor juiz, no segundo caso, é ela. [LMW 1.19,46]

O comentário do Mestre define, melhor do que qualquer outro, as esferas, as responsabilidades respectivas e a mútua interacção dos dois “Gémeos Teosóficos”. No entanto, a sua mútua interacção é mais do que meramente um facto histórico. É também o reflexo de uma realidade arquetípica.

4. Os Gémeos Teosóficos e Nós

Os Gémeos arquetípicos revelam-nos a relação que cada um de nós deveria ter com os outros. Todos nós somos gémeos. Estamos tão estreitamente relacionados uns com os outros quanto possível – fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. Quando interagimos com os outros acontecem, por vezes, conflitos entre nós, assim como aconteceram entre Olcott e Blavatsky. Mas se nos deixarmos inspirar pelo exemplo sábio de Gilgamesh e Enkidu, transformaremos os nossos conflitos em cooperação, e a nossa cooperação tornar-se-á mais forte e mais sábia por ter nascido de um conflito amigável. Isto é precisamente o que aconteceu nas vidas de Olcott e de Blavatsky. É o que deve acontecer na vida de cada um de nós quando interagimos com os nossos semelhantes.

Os Gémeos arquetípicos também nos revelam dois aspectos dentro de cada um de nós. Um dos aspectos é a nossa individualidade superior, o nosso “Arquétipo”, e o outro aspecto é a nossa individualidade inferior, o reflexo no tempo e no espaço desse “Arquétipo” individual. A mente empírica e pragmática da nossa personalidade tem tudo a ver com o elemento exterior e prático das nossas vidas, tal como acontecia com Olcott nos assuntos administrativos da Sociedade. A mente intuitiva e noética da nossa individualidade tem tudo a ver com o elemento interior e espiritual das nossas vidas, tal como acontecia com Blavatsky nos assuntos espirituais da Teosofia. Estes dois aspectos da nossa natureza, personalidade e individualidade, poder-se-á dizer que são os nossos Olcott e Blavatsky – ambos necessários e indispensáveis, mas cada um responsável pela sua própria e distinta esfera de ação nas nossas vidas.

Olcott e Blavatsky, os “Gémeos Teosóficos”, fazem parte da história. Mas

enquanto reflexos de uma realidade histórica, arquetípica, também fazem parte de nós. Isto é tão verdade quanto a Tábua de Esmeralda diz “O que está em Baixo é como o que está em Cima e o que está em Cima é como o que está em Baixo para o cumprimento das maravilhas de uma única coisa”. A “coisa única” é a realização consciente da unidade de toda a vida: dos nossos eus inferior e superior, de cada um de nós com todos os outros, de todos nós com a Realidade Una que subjaz a toda a existência. Não há dúvida de que existem maravilhas nessa realização. E para conseguirmos essa realização a melhor coisa a fazer será seguirmos os passos arquetípicos dos “Gémeos Teosóficos”. ∞

Por conveniência ortográfica, neste texto quando “Gémeo” se refere ao arquétipo, aparece em maiúscula; quando “gémeo” se refere a corporização do arquétipo ou a gémeos genéticos, aparece em minúscula. Nas citações manteve-se a grafia original.

A vida é o grande mestre: é a mais grandiosa manifestação da Alma, e a Alma manifesta o Supremo.

H. P. B., Practical Occultism, 1882

Pessoalmente estou confiante que esta Sociedade fornecerá tais provas inquestionáveis da imortalidade da alma das quais ninguém, exceto os loucos, duvidará.

H. S. O., 17 Novembro 1875

Que são os Teósofos?

H. P. BLAVATSKY

A revista «*Lotus Bleu*», publicada pela Federação Europeia das Sociedades Teosóficas e pelas Secções da Bélgica, da França e da Suíça, inseriu há algum tempo uma tradução de um artigo, «*Que são os Teósofos?*», da Sra. Blavatsky, de grande interesse para todos nós.

Pelo seu conteúdo e pela sua permanente actualidade, em relação ao carácter da Sociedade Teosófica, resolvemos apresentá-lo aos membros que porventura o desconheçam.

Por se tratar de um artigo longo, resolvemos seleccionar dele alguns trechos, procurando sempre, porém, conservar-lhe integralmente o sabor de elevada aspiração, espírito de tolerância e humanitário idealismo que sempre caracterizaram a extraordinária obra da nobre fundadora da Sociedade Teosófica.

«[...] A Sociedade Teosófica, como centro, não possui crença alguma, porque as crenças *não são mais do que conchas que aprisionam o conhecimento espiritual*, e a Teosofia, sendo ela própria, no seu conjunto, o conhecimento espiritual, não pode ser senão a essência de toda a pesquisa filosófica ou teísta. Representante visível da Teosofia universal, não é mais sectária que uma sociedade de geografia que se preocupe unicamente com explorações universais, sem se importar, de modo algum, com as convicções dos exploradores...

[...] Ora, a própria raiz da ideia teosófica é a investigação *livre e intrépida*.»

Como organismo, a Sociedade Teosófica sustenta que todo o pensador original, todo o

investigador oculto sério — quer seja materialista (o que encontra na matéria a promessa e a potencialidade de toda a vida terrestre), ou espiritualista (o que desdobre no espírito a fonte, tanto da matéria como da energia) — é ou foi um teósofo. Porque para o ser não é necessariamente indispensável reconhecer a existência de um Deus ou de uma divindade, mas simplesmente reverenciar o espírito da natureza viva e com ele procurar identificar-se. Basta, pois, unicamente venerar esta Presença, esta Causa invisível, indivisível em essência, que se manifesta eternamente pelos seus resultados incessantes, que transcende a forma e aparece, porém, em todas as formas; que está aqui e além, em toda a parte e em parte nenhuma; que é Tudo e Nada, una e múltipla; a Essência que enche, limita, liga, que contém tudo, que está contida em tudo.

Compreender-se-á então que, classificados quer como teístas, panteístas ou ateus, tais homens são aliados. Quando um estudante abandona o caminho envelhecido da rotina e se aventura no caminho solitário do pensamento independente — o caminho de Deus — esse estudante, quem quer que seja, é um teósofo, isto é, um pensador original, um investigador da verdade eterna, impellido pela sua própria inspiração a resolver os problemas universais.

A Teosofia é a aliada do homem que procura ardentemente, e pelo seu próprio caminho, o conhecimento do Princípio Divino. Ela é, além disso, a aliada de toda a ciência íntegra, como

de toda a íntegra religião — de toda a religião que aceite ser provada pelos mesmos testes que ela aplica a concepções diferentes das suas.

Os Livros Sagrados, expressões de uma verdade por si evidente, são, para ela, inspirados e não revelados. Mas ela considera que qualquer livro é sempre inferior ao Livro da Natureza, devido ao elemento humano que encerra. Para decifrar e compreender directamente o Livro da Natureza, os poderes inatos da alma devem estar altamente desenvolvidos. Pois as leis ideais, existindo para além do domínio da argumentação e da dialéctica, não podem ser percebidas senão pela faculdade da intuição. Não se compreendem e não se apreciam nunca com exactidão através das explicações de um outro intelecto, ainda que esse intelecto se diga possuidor de uma revelação directa. E como a Sociedade Teosófica permite nas regiões do ideal puro os mais altos voos, abertos porém à esfera dos factos, a sua deferência para com a ciência moderna e seus representantes é sincera. A dívida que o mundo contraiu para com estes homens é imensa, embora lhes falte, por vezes, uma intuição espiritual elevada.

Um pregador¹ escrevia em 1878: «Não se pode dizer que a ciência seja irreligiosa e ateia. A ciência está a criar uma ideia nova de Deus. É pela ciência que temos uma concepção de um Deus *vivo*. Se nós próprios, devido ao louco dogmatismo de toda a crença estreita, não nos tornarmos ateus algum dia, será graças à ciência, porque ela ter-nos-á libertado das ilusões disformes que atormentam e embaraçam os fiéis. Ela dá-nos, de facto, a possibilidade de raciocinar sobre as coisas que vemos.»

Graças igualmente aos infatigáveis trabalhos de orientistas como Sir W. Jones, Max Muller, Burnouff, Colebrook, Hang, Saint-Hilaire e tantos outros, a Sociedade, como corpo, dedica respeito e veneração semelhantes

às religiões budista, védica, zoroastriana e outras religiões antigas, e possui um idêntico sentimento fraterno para com os seus membros hindus, cingaleses, parsis, jainistas, hebreus ou cristãos, estudantes individuais do eu e do divino na natureza.

Tendo nascido em 1875, nos Estados Unidos da América, a Sociedade Teosófica inspira-se na Constituição da sua pátria-mãe. Evitando a palavra «Deus» para impedir que sirva mais tarde de pretexto para a criação de uma religião de Estado, a Constituição americana reconhece nas suas leis uma igualdade absoluta de todas as religiões: todas sustentam o Estado, todas são sustentadas por ele. A Sociedade Teosófica pode, com toda a justiça, ser designada pelos seguintes termos: uma *república de consciências*.

Espero ter demonstrado claramente porque é que os nossos membros têm a liberdade de aderir ou não a qualquer crença, desde que não pretendam fruir sozinhos do privilégio da verdade e não imponham as suas opiniões aos outros. Neste sentido, as regras da Sociedade Teosófica são extremamente severas. A Sociedade procura agir de acordo com a sabedoria de uma velha norma budista: *honra a tua fé e não calunies a dos outros*. Nenhuma seita deve ser denegrida ou ridicularizada pelos seus membros.

Para concluir, podemos afirmar que, mais vasta e mais universal nas suas opiniões que qualquer sociedade científica, a Sociedade Teosófica possui, *além* da ciência, a crença em toda a possibilidade e uma vontade firme de atingir regiões espirituais desconhecidas, que os partidários da ciência exacta desprezam. E possui uma qualidade mais, em relação a qualquer religião: não marca diferença alguma entre Pagãos, Judeus ou Cristãos. Foi neste espírito que ela foi fundada sobre o alicerce da Fraternidade Universal.

1 O Rev. O. B. Frothingham.

Os seus membros não têm todas a mesma crença, realmente, e já explicámos porquê. O pensamento do homem, infinitamente variado nas suas manifestações, não pode abarcar o todo. Conjectura, necessariamente, numa única direcção, mas ultrapassados os limites do conhecimento humano, erra e perde-se, por vezes, porque as ramificações da verdade central e absoluta são infinitas. Não acontece que até mesmo os grandes filósofos se perdem nos labirintos das especulações, provocando, por isso, as críticas da posteridade? Não é a ciência continuamente obrigada a revalorizar as suas experiências e a contradizer-se no que afirmou como «oficialmente reconhecido»? Basta que os membros cooperem para os mesmos objectivos,

que são a libertação do pensamento humano, a eliminação de superstições e a descoberta da verdade. Os que aderem a estes fins são bem-vindos à Sociedade Teosófica, qualquer que seja a sua crença, filosofia ou fé. E como cada um – os grandes como os pequenos – pisam a estrada real do conhecimento, a Sociedade Teosófica escuta cada um e aceita nas suas fileiras os pequenos e os grandes. Porque nenhum investigador volta de mãos vazias; e até o que menos desfruta do favor popular pode colocar a sua oferenda, por mais modesta que seja, sobre o altar da verdade. ∞

In Revista Osíris nº130, Abril-Junho 1965

Aquele que não pratica altruísmo; aquele que não está preparado para partilhar o seu último bocado com alguém mais fraco ou mais pobre que ele próprio; aquele que negligencia ajudar o seu irmão homem, de qualquer raça, nação, ou credo, quando e sempre que ele encontre sofrimento, e faz orelhas moucas ao grito da miséria humana; aquele que ouve uma pessoa inocente ser caluniada, seja um irmão teósofo ou não, e não toma a sua defesa tal como se fosse a sua própria - não é um Teósofo.

H. P. B., Lucifer, Novembro 1887

Os Planos da Natureza: uma Visão Alternativa

SHIRLEY J. NICHOLSON

Nos primeiros tempos dos seus estudos, os teósofos depararam-se com uma ideia de espaço cheio de várias esferas que se interpenetravam chamadas 'planos da natureza'. Este ensinamento é crucial para a compreensão de muitos fenómenos e estados de consciência familiares aos teósofos. A maior parte dos estudantes está familiarizada com o ponto de vista de H.P. Blavatsky (HPB) sobre planos desde o plano físico ou mais denso até ao Átmico ou mais rarefeito e etérico. Os que estão familiarizados com os escritos de Annie Besant (AB) e de C.W. Leadbeater (CWL) também têm conhecimento de uma concepção diferente que acrescenta dois planos mais elevados no cimo da lista, os planos Âdi e Anupâdaka. Muitos dos que se sentem dependentes da essência dos ensinamentos de HPB sobre Teosofia pensam que esta interpretação não é adequada e talvez mesmo arbitrária. Embora, tanto quanto sei, tanto AB como CWL nunca tenham explicados as razões para esta alteração, talvez a explicação esteja implícita nas suas investigações clarividentes.

Segue-se uma versão de cada um dos sistemas:

Planos da Natureza

HPB	AB/CWL
	Âdi
	Anupâdaka
Âtmâ	Âtmâ
Buddhi	Nirvânico
Manas	Manas

Kâma Rupa	Astral
Linga Sharira	Prâna
Prâna	Etérico
Sthula Sharira	Físico

Nos ensinamentos privados ao seu grupo interno, HPB mencionou que cada princípio humano se encontra num plano diferente do universo, embora não tenha explicitado este ensinamento (Hall, p.8). Para AB e CWL o 'corpo' ou veículo de que um princípio humano está revestido compõe-se de matéria física e superfísica do plano correspondente. Os nomes dos planos e das divisões dentro daquela lista foram sofrendo algumas modificações de tempos a tempos. 'Nirvânico' era por vezes usado quer para o plano búdico quer para o plano átmico. HPB usava o termo 'astral' para aquilo que agora é usualmente conhecido como 'etérico'. Os princípios humanos incluíam aquilo a que HPB chamava *linga sharira* e AB/CWL chamavam 'duplo etérico'. Mais tarde este foi entendido como fazendo parte do plano físico. Prâna, por vezes listado como um plano e outras vezes omitido, acabou por ser entendido como o princípio que anima todas as coisas vivas, não estando confinado a nenhum plano em particular. Todos os planos acabaram por ser vistos como compostos de sete subplanos.

As sementes da nova visão do mundo foram plantadas em 1895, embora algumas alusões tenham aparecido anteriormente. Tanto AB como CWL tinham desenvolvido poderes clarividentes e iam acrescentando detalhes

sobre os planos através de investigação clarividente. Tudo começou quando A.P. Sinnett, recipiendário da maior parte das cartas dos Mahatmas, pediu a CWL para tentar penetrar no mistério da matéria através da clarividência. Foi no final de uma era. HPB falecera quatro anos antes e a última carta dos Mahatmas seria recebida no ano seguinte. Nesta altura, Sinnett aparentemente sentiu que seria benéfico proceder-se a mais investigação clarividente. A Senhora Besant juntou-se ao projecto; Sinnett estava presente como observador nas primeiras sessões. Em 1895, apareceram no *Lucifer*, uma revista teosófica, e num panfleto intitulado 'Química Oculta' notícias sobre o projecto.

Os primeiros resultados da investigação foram surpreendentes. Os clarividentes tentaram muitas vezes dividir o átomo físico de um gás como o hidrogénio. Verificaram que aquilo que parecia ser o átomo físico último do gás já não era físico, mas sim matéria do plano seguinte, o plano astral ou emocional. Investigação posterior confirmou que o átomo último de cada plano apresenta átomos do plano superior seguinte.

Segundo AB e CWL todos os átomos compõem-se de Anu ou "bolhas no Koilon", como eram chamados. Koilon é o nome dado a uma substância inerte análoga ao éter que os cientistas pensavam que preenchia o espaço, no princípio dos anos 1900. Cada Anu é como uma bolha numa bebida gaseificada. É em si mesmo vazio, composto de nada.

Parece que o éter é visível à visão clarividente. Contudo, no tempo de Einstein, a famosa experiência Michelson-Morley refutou a existência do éter tal como era entendido na altura. Mas actualmente surgiu na física uma noção idêntica com a descoberta da 'matéria negra' invisível que existe em todo o lado em quantidades muito maiores do que a matéria visível.

AB e CWL contaram mesmo o número de átomos físicos últimos característicos de cada plano. Nos *Yoga-sutra-s*, Patanjali escreveu sobre os *siddhi-s* ou poderes sobrenaturais latentes nos seres humanos. Descreveu um poder como 'Conhecimento do pequeno, do oculto ou do distante através do direcionamento da luz da faculdade superfísica' (Taimni, p. 324). Aparentemente, AB e CWL tinham desenvolvido esse *siddhi*. Definiram os planos como 'espírito-matéria', uma combinação de consciência com algum grau de materialidade, física ou superfísica. Verificaram que cada plano era composto de átomos estruturalmente idênticos com o mesmo número de Anu. Por exemplo, descobriram que um átomo químico último de hidrogénio contém 18 Anu, que o oxigénio contém 290, etc.

AB e CWL descreveram na sua experiência de investigação aquilo que na ciência corrente seria considerado estruturas subatómicas:

O primeiro átomo químico seleccionado para este exame foi um átomo de hidrogénio (H). Observando-o cuidadosamente, verificou-se que consistia de seis pequenos corpos contidos numa forma ovóide. Rodava com enorme rapidez em redor do seu próprio eixo, vibrando ao mesmo tempo, e os corpos interiores executavam giros semelhantes. Todo o átomo rodopia e estremece e é preciso que fique estável antes que seja possível uma observação exacta.

Os Anu são notáveis pelo facto de serem vazios, bolhas ou pequenos espaços vazios no Koilon. A matéria, física e suprafísica, encontra-se onde não existe éter inerte. Henri Poincaré (1854-1912), matemático e físico, que publicou um documento sobre a prova da descontinuidade quântica em 1911-1912, descreveu um átomo como apenas um buraco no éter.

Segundo AB, cada Anu ou bolha está cheia da consciência do Logos Cósmico. As Estâncias

de Dzyan, em *A Doutrina Secreta*, sugerem isto de forma poética. A Senhora Besant equipara o Logos Cósmico a Fohat, quando ‘Fohat cava buracos no espaço’, no linguajar de *A Doutrina Secreta*. De acordo com o ensinamento esotérico, toda a criação repousa num Vácuo. Assim, estes ‘buracos’ onde não existe éter são as verdadeiras unidades últimas dos nossos planos da natureza. Aqui o Vácuo é descrito como unidades desprovidas de substância mas repletas de Vida divina.

Contando o número de átomos últimos característicos de cada plano, AB e CWL encontram uma estrutura matemática perfeita. Âtmâ, que se assumira ser o plano mais elevado, continha 3 Anu, onde em cada plano inferior se acrescentava um Anu. Para tornar a sequência completa, eram precisos mais dois planos, um com 2 Anu para Anupâdaka e um com 1 Anu para Âdi. Assim, a estrutura numérica que emergia da investigação clarividente levou a dois planos superiores. A Senhora Besant afirmou que estes planos foram o resultado de dedução e não que tenham sido vistos clarividentemente. Seria surpreendente se uma área tão sublime tivesse uma contraparte visível à investigação humana.

HPB tinha tornado claro que Âtmâ é o princípio humano mais elevado e esta visão alternativa não refuta a posição dela. Mostra os sete princípios humanos ancorados nos cinco planos inferiores. Âdi e Anupâdaka estão acima da região da experiência humana. Os planos físico, etérico, emocional e mental são os campos de desenvolvimento do reino humano e dos reinos inferiores. Âtmâ e Buddhi são as regiões do desenvolvimento super-humano e da evolução dos iniciados. Âdi e Anupâdaka encontram-se no reino da actividade divina. Nestes níveis elevados o Logos emite a sua luz e faz evoluir um universo para lá da nossa esfera de conhecimento.

Em Junho de 2006, a historiadora Julie Hall fez uma palestra na Associação para o Estudo do Esoterismo [Association for the Study of Esotericism] na Universidade da Califórnia, Davis, onde explorou as razões para o desvio entre as perspectivas de HPB e de AB/CWL. Em primeiro lugar, sugeriu que a própria HPB havia ensinado algo da visão alternativa ao seu grupo interno, do qual AB era membro. Mais tarde, a Senhora Besant publicou algum deste material. Em segundo lugar, Annie Besant, Presidente da Sociedade Teosófica, foi influenciada pelas investigações clarividentes de CWL. Por fim, a Teosofia estava a tornar-se mais popular e a Sociedade Teosófica a crescer. Havia necessidade de sistematização e clarificação dos ensinamentos teosóficos. Um sistema simples e coerente, que não assentasse demasiado em termos sânscrito, seria uma ajuda no ensinamento da Teosofia aos novos membros. Salientou o seguinte:

O conceito teosófico de saptaparna (sistema de sete planos separados mas interconectados) foi uma tentativa fascinante do século XIX para compreender a natureza da consciência e a realidade corporal humana em relação com o universo alargado. Denuncia a necessidade de estruturar numericamente uma compreensão da antropologia e cosmologia espiritual, uma necessidade manifestada através da história do pensamento humano [Hall, p.5].

As investigações que tiveram início em 1895 acabaram por levar à publicação da *Química Oculta*, por AB e CWL e ao *Estudo sobre a Consciência* [A Study on Consciousness], da Senhora Besant. Este ponto de vista foi corroborado pelo menos por um cientista, o físico britânico Stephen M. Phillips, que desenvolveu um considerável trabalho para mostrar como AB e CWL compreenderam a natureza última da matéria. Este autor possui um *website* (www.smphillips.8m.com).

O seu recente livro, *The Mathematical Connection between Religion and Science*, não relacionado com AB e CWL, foi publicado em 2009.

Para os estudantes de Teosofia, o esquema AB/CWL oferece um ponto de vista alternativo dos planos com suporte em experiências clarividentes e dedução lógica. Apresenta um sistema elegante de unidades vazias ou Anu combinadas em grupos de seis que se interligam e rodopiam numa grande dança complexa, sempre de forma ordenada e nunca ao acaso.

Para um vidente com uma percepção espiritual sem véu, toda a natureza brilha com Luz divina, porque, como ensinou HPB e muitos místicos ao longo da história, a natureza mais não é do que a veste exterior da própria

Divindade. Quando a Senhora Besant escreveu a sua famosa invocação, 'Oh Vida Oculta vibrando em cada átomo', sem dúvida que se referia a algo muito real para ela.

Referências:

- Besant, Annie e C.W. Leadbeater, *Occult Chemistry: Clairvoyant Observations on the Chemical Elements*, The Theosophical Publishing House, Londres, 1919.
- Hall, Julie, 'The Saptaparna: The Meaning and Origins of the Theosophical Septenary Constitution of Man', *Theosophical History: A Quarterly Journal of Research*, Outubro 2007, vol. XIII, Nº 4.
- Taimni, I.K., *The Science of Yoga*, The Theosophical Publishing House, Adyar, Chennai, 1961. ∞

In *The Theosophist*, Setembro 2010

É verdade que as realidades que procuramos explorar estão para além do âmbito do intelecto; mas isto não significa que não possamos e não devamos ter uma clara conceção intelectual da sua natureza, relações mútuas e fases de progresso que lhes correspondem.

J. K. Taimni

Teosofia é o conhecimento do "eu" em todos os seus aspetos, assim como a compreensão do mundo, do universo que nos rodeia – não só da sua aparência física exterior, mas do todo, incluindo os fatores ocultos.

N. Sri Ram

A Beleza do Desprendimento

ANA MARIA COELHO DE SOUSA

Desprendimento não significa desatenção, distração, indiferença. Antes pelo contrário, há um sentido de atenção acrescido porque se está completamente focado no que se está a fazer, seja uma conversa, um encontro, uma leitura ou qualquer outro acto. Aí o nosso pequeno eu, o nosso tão pouco importante eu, como que desaparece, deixa de importunar, de se intrometer, de ter qualquer peso. E é esta a leveza que pode estar repleta de beleza se conseguirmos descortinar o seu sentido interior. Parece que fica sempre uma pontinha agarrada, mas quando essa ponta se solta é uma libertação. Então falamos de beleza no desprendimento, no desapego, porque uma das consequências desse desapego é o sentimento de libertação. Porque não há gratificação dos sentidos, manipulações do intelecto quando o coração é puro.

Todo o desejo egoísta é uma amarra. Uma mente apegada a centenas de coisas dificilmente está em condições de ser usada como instrumento na aventura divina da auto-descoberta. Mas o apego da mente ao mundo inferior não depende da quantidade de coisas a que se está ligado, mas da atitude da mente. O que interessa é o amor discernido nos nossos corações, a discriminação que vê claramente as ilusões da vida (a impermanência de tudo, a inutilidade de tanta coisa que nos impede a libertação) e a consequente determinação de vencer estas ilusões. Quando a luz do discernimento brilha através das nossas mentes e o amor do Divino enche os nossos corações, realmente

não interessa como vivemos e o que possuímos no mundo físico. Portanto o que interessa é a atitude interior correcta.

Os amores pessoais que desenvolvemos ao longo da vida também podem funcionar como grilhões. Devemos amar, mas amar com sensatez e razoabilidade, sem deixar que esse apego afecte a liberdade da nossa mente. Há liberdade no desapego e no despojamento.

O apego é o apropriar-se da vida como um ter; um ter que se quer guardar, que se quer possuir. Os antigos utilizavam a palavra 'avareza', a qual era considerada uma grande doença, pois é ela que impede o movimento da generosidade, a qual constitui a saúde da alma e do coração. Sentir e experimentar a beleza do dar, de abrir as mãos, da dádiva, a que não deve faltar o discernimento. A coragem de sermos nós próprios com as nossas imperfeições e as nossas carências.

A maior parte de nós está agarrada a coisas pequeninas da vida, não reparando que tudo vai e vem e que o que temos hoje podemos não ter amanhã. Se, sem nos tornarmos irresponsáveis ou insensíveis, permanecermos desprendidos, não apegados, estabelece-se uma relação pronta a largar as coisas da mão. Mais uma vez a atitude é o mais importante. Podemos viver rodeados de coisas e sem qualquer apego às ditas. É essa estabilidade interior – que por ser equilibrada e harmoniosa é bela – que devemos procurar alcançar.

“Desligue-se. Todo o desejo pessoal é um nó que o aprisiona. Você não tem que renunciar

a nada deste mundo, somente seu apego a ele. Pode possuir coisas, mas não permita que essas coisas se apodemem de você. E não aumente mais do que necessita.”

“... Se queres ser perfeito, disse-lhe Jesus, vai, vende tudo o que possúes, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-Me” (Mateus, 19-21).

Se uma pessoa não conseguir morrer para si mesma ou, pelo menos, perceber a necessidade de se deixar para trás, não poderá seguir Cristo ou qualquer outro instrutor espiritual. “Vende os teus bens, dá-os aos pobres, e segue-me»... – Desprendimento é deixar de se viver centrado no eu e passar a viver centrado no Divino.

Vende os teus bens e segue-me. Este radicalismo só poucos o conseguem concretizar. Mas este é o princípio válido. Depois seguem-se-lhe as várias nuances do deixar ir, do largar. É esta a liberdade espiritual.

Libertemo-nos do apego egoísta que sentimos pelos nossos haveres, amigos e familiares. Não podemos levar nada nem ninguém conosco.

“Lembraí-vos do divino cada vez que respirais”, disse Chandra Swami.

Para se viver o desprendimento, para apreciar a sua beleza, tem de se estar desperto – mais atento a si mesmo, aos outros e ao mundo. É necessário entrar em relação constante com a realidade, a que podemos chamar a “via do mundo”, a via da imanência. É um caminho exigente porque obriga a romper com o egoísmo, porque obriga a assumir responsabilidades, a ter em conta o outro. É nossa responsabilidade fazer crescer o todo e não “despertar-se a si próprio” para se salvar a si mesmo, mas para fazer crescer o conjunto. Temos de aplicar o nosso esforço para fazer o que é nosso dever, a graça virá por si mesma e está sempre presente.

Quando se vive o momento presente, cada instante é o momento de despertar.

Estar atento a todos os sinais de beleza e graça, apreciar todas as alegrias, estar desperto em todos os momentos para as “novidades que nos estão sempre a chegar do silêncio”. O grande praticante espiritual é aquele que vive sempre na presença do seu verdadeiro eu, alguém que descobriu e utiliza constantemente as fontes de inspiração profunda.

Miguel Ângelo disse que a “Beleza é a purgação do supérfluo”, do que está a mais. Onde há ordem há beleza, ordem no sentido do que é inerente. Na harmonia há beleza, no ritmo, no equilíbrio, na proporção e simetria há beleza. A Beleza não pode ser possuída ou conservada. Não suporta comparações pois é um valor absoluto.

“O que é prioritário para si? Quer fazer da sua vida uma obra de arte, quer dar beleza à vida, quer acrescentar qualquer coisa ao mundo?... Cuide então de descobrir quais são as leis secretas que fazem bater o coração do que é vivo e adopte essas leis como regra da sua vida. Transforme-as em oportunidade de se submeter ao divino e de se tornar servidor do amor. Se assim acontecer, a sua vida será uma poesia, um acto criador, por ventura anónimo, não necessariamente espectacular – significa que abandonou a imensa seita dos egoístas e entrou no movimento universal que espalha o amor”. Palavras de Yvan Amar.

“O que acrescentaste ao mundo? Quando nascemos está escrito num pequeno painel: “Pede-se que deixes este lugar mais belo do que o encontraste quando chegaste”, Jean Giono.

“Aquilo que chamam “morrer” não é senão acabar de viver e o que chamam “nascer” é começar a morrer. E aquilo a que chamam “viver” é morrer vivendo. Não esperamos pela morte: vivemos com ela perpetuamente”. Jean Baudrillard

Sem dúvida que aprender a viver é aprender a abandonar.

Num texto antigo é dito ao neófito: “Aprende a morrer e aprenderás a viver, pois ninguém viverá que não tenha aprendido a morrer”. O mistério da morte é também o mistério da própria vida. Este ‘morrer’ podemos tomá-lo no sentido simbólico – morrer para os apegos, para o que está a mais, para o superficial e o supérfluo, para o que nos pouca em vez do que nos faz crescer; para a ignorância e a intolerância, etc. E a vida? Que temos feito dela? Como temos aproveitado a oportunidade extraordinária desta encarnação? Cada um terá a sua própria resposta.

Disse Ramana Maharshi: “É possível realizarem-se todas as actividades da vida com desprendimento, desapego, e só se considerar como real o Eu. É errado pensar-se que se uma pessoa estiver fixada no Eu, os seus deveres não serão executados devidamente. É como um actor. Veste-se, actua e até sente a parte que está a representar, mas sabe que, na verdade, ele não é a personagem mas outra pessoa na vida real. Da mesma forma, porque é que a consciência física ou o sentimento “eu sou o corpo” nos há-de perturbar dado que sabeis que não sois o corpo mas o Eu?”

“A renúncia reside na mente, não em ir para florestas ou lugares solitários, ou abandonar os próprios deveres. O importante é fazer com que a mente se volte para dentro e não para fora. Muito está já determinado quando nascemos. A nossa única liberdade consiste em voltarmos a nossa mente para dentro e renunciar aí às actividades”. Mais uma vez vemos aqui a beleza do desprendimento que proporciona a beleza e leveza da libertação.

Ravi Ravinda, no seu livro “O Yoga do Cristo”, todo ele baseado no Evangelho Segundo S. João (12-44-50), fala de como Jesus Cristo ensinou, com o seu yoga, que a verdadeira preparação consiste em morrer para a nossa própria vontade, na auto-negação para

se poder obedecer à vontade de Deus. Neste contexto podemos tomar a Cruz como um símbolo máximo de importante significado psicológico e espiritual. Sempre que estamos atentos ao momento presente vemo-nos numa encruzilhada, uma cruz em dois caminhos: ou escolhemos permanecer no plano horizontal mundano ou nos ligamos ao Caminho, à Via do Cristo e seguimos o eixo vertical do ser. O caminho da cruz consiste em nos entregarmos totalmente à vontade de Deus e nos esvaziarmos da nossa auto-importância. Vivemos para ir a qualquer lado, na vertical.

Jesus Cristo deu o exemplo. É completamente transparente. “Quem me vê, vê o Pai”. Não possui nada de seu; não fala em seu nome, nem de autoridade própria. “Não é em meu nome que falo. O Pai que me enviou ordenou-me o que devia dizer e como falar... Assim, quando falo, falo como o Pai me ordenou”.

Quando nos esvaziamos do nosso próprio eu, podemos-nos encher de Deus e sermos um com a Fonte. Assim, o fim de uma pessoa é o fim da pessoa. No caminho da cruz não há lugar para projectos e ambições egoístas.

Os discípulos abandonaram tudo, conforto, profissões, famílias, posição social.

A paz de Cristo é a consumação de todo o esforço e luta espiritual. Mas só os que se desnudaram de si próprios podem encontrar esta paz, pois esta paz não é como a paz do mundo. “A Paz vos ofereço; não a dou como o mundo a dá (João, 14-27-31). Ele trouxe aquela paz “que ultrapassa toda a compreensão” (Filipenses 4:7).

A consciência de se ser mortal ajuda a viver. “A vida humana seria tão fecunda se não tivesse um limite?”, pergunta Jacques Ricol. A consciência da própria mortalidade obriga a que não se viva das aparências: passamos a saber avaliar a importância das coisas, voltamo-nos para o homem interior.

Então, o que significa viver plenamente? Não se trata de preencher o vazio interior com as muitas variadas espécies de compensações, nem de acumular experiências fugindo de si próprio, mas de reconhecer a plenitude que está dentro de nós e de irradiar a energia que dela nasce. Devemos ser semeadores de plenitude. Se há uma luz dentro de nós é necessário que essa luz se mostre, que ilumine.

Lewis Thompson, moderno escritor inglês, escreveu: “Cristo, supremo poeta, viveu a verdade tão apaixonadamente, que todos os seus gestos, simultaneamente puros actos e perfeitos símbolos, encarnam o transcendente”. É para isso que estamos aqui – para encarnar o transcendente.

Somos proprietários da nossa vida e da nossa morte? Sabemos bem que não.

Yvan Amar dizia ainda: “A alegria é paz em movimento, a paz é alegria em repouso”.

De facto, a vida é movimento. Somos caminhantes, caminheiros. Todos estamos a caminho. A caminho de quê? A resposta só cada um a saberá dar. Espera-se que, seria bom e desejável, a caminho de pastagens verdejantes, das fontes de água viva de que nos fala o Salmo. A caminho do Encontro tão almejado. A caminho da Verdade e da Luz. A caminho da porta estreita que abre para nós a Vida Plena. ∞

O Lugar da Beleza na Vida, Seminário Teosófico, 22 e 23 de Maio de 2010, S.T.P, Lisboa

Tentem estar conscientes do vosso condicionamento. Só o podem conhecer de forma indireta, em relação a algo. Não é possível estarem conscientes do vosso condicionamento como uma abstracção, porque nesse caso tudo se passa a um nível meramente verbal, com pouco significado. Estamos apenas conscientes do conflito. O conflito existe quando não há integração entre o desafio e a resposta. Este conflito é o resultado do nosso condicionamento. O condicionamento é apego: apego ao trabalho, à tradição, à propriedade, às pessoas, às ideias, e assim por diante. Se não houvesse qualquer apego, haveria condicionamento? É claro que não. Portanto, por que é que sentimos apego? Sinto apego ao meu país, porque, através da identificação com ele, torno-me alguém. Identifico-me com o meu trabalho, e assim o trabalho torna-se importante. Eu sou a minha família, a minha propriedade; estou apegado a tudo isso. O objeto do meu apego oferece-me o meio de fuga ao meu próprio vazio. O apego é uma fuga, e é a fuga que fortalece o condicionamento.

J. Krishnamurti

A Beleza como Prática de Vida

ISABEL NOBRE SANTOS

Hoje em dia somos assaltados quase diariamente por apelos nos mais variados meios de comunicação e marketing para que nos aperfeiçoemos fisicamente. Determinados padrões estéticos são-nos apresentados como se constituíssem um ideal de Beleza único segundo o qual todos deveríamos padronizar-nos. São-nos “vendidas” imagens de muita gente que parece respirar essa tal ideal de Beleza e instituir-se imediatamente como “modelo arquetípico colectivo” do que todos deveríamos ser...

Esta propaganda constante tem sido frequentemente apontada, por Pais e Educadores, como contribuindo para o desequilíbrio de muitos jovens, que desesperadamente procuram adaptar-se a um determinado padrão – mesmo que os seus corpos sejam adversos a essa tentativa de padronização. Para outras pessoas, talvez mais velhas, a Beleza e conseguida já não tanto através do corpo, mas através de adereços e roupas, jóias, poses estudadas e algo artificiais. E no entanto, quer num caso, quer noutro, muitas vezes também somos confrontados com o sofrimento, as tendências depressivas, distúrbios alimentares psicológicos que estes padrões artificiais provocam naqueles que tão desesperadamente tentam copiar um modelo que lhes é estranho.

No fundo, todos procuramos a felicidade e alguns valores que dêem sentido e alegria à nossa vida. Mas será sábio ensinar a gerações inteiras, que a Beleza se obtém de fora para dentro, do exterior para o interior, da “moda” para a Alma?

E será essa uma ideia VERDADEIRA?

Tais interrogações levam-nos a questionar a Beleza – tal como é socialmente definida – e, sobretudo, as concepções quanto à sua prática. Será este o verdadeiro conceito de beleza, ou será BELEZA aquela silenciosa emoção que sentimos, não só quando vemos qualquer Ser Humano Belo, mas até um Pôr-do-sol, uma Montanha, o Oceano, um filhote pequeno de um gato ou de um cão...

Se a Beleza estiver para além dos artificios externos – roupas, cosméticos, operações plásticas, exercícios físicos para inflar os músculos peitorais ou quaisquer outros, assim como o inevitável aspecto monetário do que tudo isso custa, apenas para melhorar uma “imagem” – então, em que consistirá a sua “prática”? À primeira vista, a Modelo de Sucesso, o Actor bem-parecido e a Senhora refinada e elegante parecem estar próximos da beleza – mas será assim de facto? E se realmente estiverem próximos dela, será em função do seu aspecto externo, ou de algum outro misterioso aspecto da Alma, que tão pouco está vedado aos que pensam que a beleza está fora?

Poderá um Ser Humano idoso ou imperfeito ser belo? Sem dúvida. Então, a que atribuir essa beleza num corpo já fora” de todos os parâmetros normalmente estabelecidos socialmente para descrever o belo?

Praticar a Beleza pode começar por coisas bem mais simples e totalmente gratuitas, livres e grátis como Beleza natural que nos acolhe em cada novo dia.

A “prática” dessa Beleza, na realidade, pode começar com um simples OLHAR DESPERTO.

OLHAR para VER, olhar sem juízos de valor, sem a interferência da mente que compara, mede e exclui, dessa mente que fragmenta, separa e rotula.

OLHAR e VER – eis talvez o princípio da PRÁTICA de BELEZA.

Olhando, veremos surgir a Beleza à nossa volta onde menos imagináramos poder descobri-la. Arrebatá-los-á como um misterioso enamorado, levará consigo os nossos sentidos e penetrará a nossa percepção até transformá-la num instrumento intuitivo da própria vida.

Qualquer coisa nos remeterá para a Beleza: uma expressão humana talvez até exagerada, mas que no conjunto traça uma suave linha harmónica ou faz irromper em que olha uma inesperada Alegria; o contorno daquela nuvem iluminada por trás por uma reverberação de luz imorredoiira; o cume de uma montanha que parece tingir-se de uma cor diferente a cada minuto em que o Sol ascende no céu matinal.

OLHAR,

VER,

RESPIRAR em SILÊNCIO...

Poderá o SILÊNCIO ser BELO?

Sim, se nele não houver solidão nem tentativa de recusar o OUTRO ou separar-se dos demais, mas antes a ABERTURA à VIDA e aos SERES.

A prática da Beleza pode surgir com uma simples CAMINHADA, no campo, nas ruas apinhadas de gente da cidade, ou numa praia deserta.

O suave pousar dos pés no chão, o contacto com o vento perfumado, o calor da areia dourada nas solas dos pés e o contraste que faz com a frescura áspera da areia molhada pelas ondas crespas, o respirar do mar... eis a BELEZA, tal como PRATICADA pela própria VIDA!

E quando os OLHOS do CORAÇÃO e

da ALMA se abrem a esta BELEZA, ela começa a transformar aquele que a observa tão abandonadamente, sem quaisquer segundas intenções ou tentativas de apropriação.

A ALMA começa a TRANSFORMAR-SE naquilo que assim DESCOBRIU.

Vemos, assim, que a **BELEZA COMO PRÁTICA DE VIDA não é diferente do ACTO de MEDITAR, não é diferente, até, do simples ACTO de SER.**

E, em cada novo OLHAR, há sempre algo de NOVO a surgir, pois a VIDA jamais se repete nem tem receio de criar sempre novas formas de Beleza espontânea e forte. A mesma Beleza que pode surgir até no meio de uma terrível tempestade, na calma do “olho do furacão” o na que existe na Acção sem acções do SÁBIO.

Que a Força indómita dessa Beleza, que é estranhamente parecida com uma Alegria irracional mas pura, sem maldade, nos impulse à escolha discernida da ESSENCIA sobre tudo o que é superficial. ∞

BELA É A VIDA.

O Lugar da Beleza na Vida, Seminário Teosófico, 22 e 23 de Maio de 2010, S.T.P; Lisboa

Conhece-te a Ti Próprio

MARIA BEATRIZ SERPA BRANCO

A maior parte da humanidade do nosso tempo não vive ainda uma espiritualidade e uma cultura que possam acompanhar e equilibrar as extraordinárias realizações da Ciência e da Técnica.

É evidente que a nossa civilização se encontra numa *encruzilhada* da qual um dos caminhos conduz ao seu próprio aniquilamento.

Daqui a inquietação e a angústia como aspectos salientes da Filosofia, da Literatura e de outras formas de Arte do nosso tempo.

Até no homem vulgar essa inquietação e incerteza se manifestam, produto em grande parte da terrível luta pela vida numa sociedade cheia de egoísmos, em que a competição económica e a corrida atrás do sucesso pessoal se tornaram exaustivas. Tudo isto agravado pelas notícias dos jornais em que as constantes ameaças de uma nova guerra ensombram o nosso futuro e o futuro dos nossos filhos.

O homem precisa, portanto, de encontrar o caminho recto, o caminho que em vez de o conduzir à destruição de si próprio, o leve àquela felicidade possível a que naturalmente aspira.

E encontramos-nos diante de um facto aparentemente incompreensível. Agora que o homem possui muito do que vulgarmente se julga suficiente para dar a felicidade – novos horizontes intelectuais e técnicos que proporcionam conforto e bem-estar físico a grande parte da humanidade, agora e apesar disso, o homem proclama-se angustiado e inquieto.

Onde reside então o mal?

A par do egoísmo e da falta de amor, uma das mais fundas raízes desse mal é a falta de conhecimento que o homem tem de si próprio.

E apesar de há tantos séculos esse conhecimento ter sido aconselhado ao homem, como pedra angular de todo o conhecimento, a humanidade está ainda longe de conhecer-se, longe, portanto, de se valorizar e desenvolver segundo as possibilidades de uma verdadeira grandeza.

O homem não se conhece e por isso tem medo de si mesmo.

Receia encontrar-se a sós consigo, porque tem horror à solidão e julga que ao encontrar-se fica terrivelmente só. Receia, além disso, olhar-se de frente, forçado a encarar os seus problemas mais íntimos e a não adiar mais uma reflexão séria sobre o sentido da vida e da morte, reflexão que, como pressente, poderá alterar a sua vida inteira.

Por isso muitos procuram fugir de si mesmos, atordoando-se e afundando-se no abuso de distrações fáceis.

Tal fuga não constitui, porém, uma solução. Antes vem agravar o problema, porque vem afastar mais ainda o homem da atitude recta, roubando-lhe oportunidade e tempo para se conhecer.

... E o caminho para uma sonhada felicidade continua por percorrer, até porque a tendência para uma alucinante velocidade no ritmo actual de vida não permite sequer adivinhá-lo...

É preciso proclamar de novo a necessidade de um auto-conhecimento. Chamar de novo o

homem a uma atitude de bom senso, libertá-lo de ritmos que não são os seus, pô-lo acima da técnica que ele criou mas que hoje ameaça escravizá-lo. O homem tecnizado aproxima-se de um simples autómato, degradando assim a sua humanidade.

Nada há mais essencial para o ser humano que a necessidade de conhecer-se, para que possa tornar-se um ser perfeitamente adaptado e criador, capaz de fazer surgir, para si e para os outros, as condições que convêm à sua verdadeira natureza.

A Psicologia, a mais humana de todas as ciências, está ainda muito atrasada, relativamente às ciências do Universo exterior a nós.

Na medida em que se está desenvolvendo, ela começa porém a ser já aliada de uma sabedoria que os grandes mestres espirituais de todos os tempos têm revelado e vivido. A verdade de que *o homem é um ser de dimensões psíquicas muito mais vastas e profundas do que vulgarmente se supõe.*

Daí o interesse para a humanidade em revelar e explorar essas profundidades.

Uma séria e adequada meditação sobre a consciência conduz-nos a uma primeira descoberta. Aquilo a que chamamos o nosso eu aparece-nos bem distinto do nosso corpo.

Ora isto significa para o homem vulgar uma primeira surpresa: a de que *nós não somos o nosso corpo.*

Uma verdadeira e profunda análise interior revela-nos a nós próprios como uma *dualidade*, o nosso corpo e o nosso *eu*, o nosso corpo e a nossa consciência.

Em face de tal evidência, talvez o homem sentisse interesse em formular a si mesmo esta pergunta: «Seremos nós», como vulgarmente se diz, «um corpo que tem uma alma?», ou, correspondendo mais ao aspecto fundamental da consciência no homem, «Seremos nós uma *alma que tem um corpo?*»

E reparemos como toda a conduta humana pode depender desta pergunta, como a nossa atitude perante a vida será diferente se fizermos pesar mais na balança os valores do espírito, em relação aos interesses do corpo.

Outra surpresa ou descoberta a que o estudo da consciência nos conduz é a constatação de que, assim como o nosso eu é diferente do nosso corpo, assim também esse mesmo eu se revela independente dos fenómenos e estados que experimenta.

A nossa vida interior é uma constante actividade, um constante fluir de pensamentos e emoções, desejos, percepções de toda a ordem, recordações, esperanças e temores, sentimentos de cólera ou de ternura, convicção de força ou de fracasso.

De tal maneira que essa mesma actividade foi comparada à corrente de um rio, em cujas águas não poderemos banhar-nos duas vezes.

Que cada um de nós se analise e veja, porém, que por detrás de toda essa torrente de fenómenos que constantemente experimentamos, há sempre algo que permanece, um *espectador silencioso*, ficando sensivelmente o mesmo através das mudanças de lugar e de tempo.

Quem é então esse espectador silencioso que na agitação e no bulício passa despercebido, mas diante de quem inevitavelmente nos encontramos em tempo de silêncio e de meditação?

De quem a «voz» que somos forçados a ouvir, mesmo que procuremos abafá-la, em ocasiões de reflexão ou de remorso?

Esse *espectador silencioso*, todos nós o sabemos, é o nosso eu, a nossa verdadeira natureza.

E apesar dos filósofos terem definido o homem como um *animal racional*, a análise do eu mostra que o homem é também *intuição*, manifestada na sagesa de uma afectividade sublimada, e *vontade*, que se traduz pela acção.

Como poderemos pois conhecer-nos a fundo? Quais os primeiros passos para atingir esse objectivo?

O primeiro passo será, como é natural, a observação constante e atenta desse *eu* que aprendemos a encontrar. Devemos estudar-nos, vigiar-nos à medida que pensamos, agimos e sentimos.

Um grande filósofo e matemático grego, Pitágoras, há quase 2500 anos, aconselhava já esta atitude vigilante, não só como processo de conhecimento, mas também, e acima de tudo, como forma de aperfeiçoamento moral:

*«Antes de adormecer, repassa no mental
As acções que fizeste, ou p'ra bem, ou p'ra mal.
Não repitas as más, insiste só nas boas,
Estende a caridade aos brutos e às pessoas.
E a cada novo esforço, a cada prova rude,
Acenderás em ti a luz de uma virtude.»*¹

A análise interior apresenta porém um grave perigo, se não for completada por outras atitudes. E o perigo reside, em grande parte, em preocuparmo-nos *demais* connosco próprios, num egocentrismo exagerado e doentio.

Para estabelecer o equilíbrio, ao mesmo tempo que avançamos *para dentro* e mergulhamos em nós, devemos confiadamente avançar *para fora*, ao encontro dos outros seres humanos, interessando-nos sinceramente pelo que nos rodeia.

Teremos de cultivar em nós aquela curiosidade confiante e sempre desperta que já foi nossa quando éramos crianças.

Mas já que o *eu* se não manifesta só pela razão mas também pelo coração e pela acção, essa atitude de curiosidade e interesse pelo mundo não deve ser meramente intelectual.

Para sermos verdadeiramente humanos, devemos fazer nascer em nós um interesse pela acção que se manifesta no *fazer* e no *criar*, e

um interesse *afectuoso*, irradiando boa vontade e Amor, no mais amplo e elevado sentido.

O interesse pela acção, como meio de conhecer o aspecto activo do homem poderá levar-nos a procurar o conhecimento e a realização de nós mesmos através do trabalho que somos capazes de fazer.

Esse mesmo interesse pela acção induzir-nos-á a estudar a natureza humana naquilo que o homem tem realizado, porque isso nos ajudará a conhecê-lo.

No aspecto criador da Arte, principalmente, é que as limitações, mas também a grandeza e as possibilidades humanas se revelam com maior clareza, dando a verdadeira medida dessas limitações e possibilidades, não só através da grandeza do génio do artista como através das características do modelo.

Assim como a Arte e a acção, sob todas as formas, e não apenas o estudo intelectual nos ajudam a revelar o homem, assim o Amor nos aparece como outro poderoso meio de compreensão da espécie humana.

E podemos dizer que ele se afirma o mais perfeito e mais belo caminho até à natureza íntima do homem.

Amor no seu mais fundo sentido, Amor-fraternidade, Amor-dádiva, que vibra em simpatia com o sofrimento ou a alegria alheios, acompanhando-os com a sua força, a sua compreensão e o seu calor humano. Não um sentimento puramente abstracto, mas uma boa vontade actuante que não esquece os mais próximos e se expande cada vez mais longe, em comunhão com a Vida total.

Que este Amor é o mais poderoso meio de que dispomos para nos aproximarmos e compreendermos uns aos outros, provam-no a vida e o exemplo dos grandes filantropos e dos grandes santos da humanidade.

Meditemos por exemplo no conhecimento da natureza humana revelado no Amor

¹ Extracto dos «Versos Dourados» de Pitágoras (século VI a.C.). Tradução de Félix Bermudes.

de Cristo por todos os infelizes e pecadores. Ninguém como Ele sabia como é fácil errar, e como é difícil voltar ao bom caminho, se uma voz amiga nos não trouxer a força da sua simpatia e da sua ternura.

Por contraste, podemos notar como a maioria das pessoas se gaba de conhecer os outros mas não faz mais do que encará-los sob o aspecto que mais convém às suas preferências ou antipatias, julgando-os pelo prisma dos seus próprios defeitos. Falta de espírito de justiça e de Amor, que os faz julgar os outros como eles não gostariam de ser julgados...

Não há coração mais tolerante e rico de perdão que o coração do verdadeiro Santo, pois ninguém como ele sabe mergulhar no mistério da alma humana.

Só ele conhece, pela profundidade da sua experiência, o poder ilimitado do Amor e da boa vontade. Poder conhecido do poeta quando cantou, cheio de compreensão afectuosa,

*«Cultivo uma rosa branca
Tratada com todo o esmero
p'ra aquele amigo sincero
Cuja estima é nobre e franca.*

*E p'ra o vilão que me arranca
Toda a alegria em que vivo,
Não são cardos que eu cultivo.
Cultivo uma rosa branca!»*

No Oriente, também a beleza da mesma atitude foi expressa numa frase de Buddha «O ódio não cessa pelo ódio; o ódio cessa pelo Amor».

E foi depois de uma pesquisa apaixonada para descobrir a causa do sofrimento humano, na intenção de lhe dar remédio, que Buddha descobriu a força da Compaixão e do Amor.

Foi o Amor que levou Cristo e Buddha, e Santos como S. Francisco de Assis a renunciarem

à satisfação dos interesses pessoais, para se dedicarem ao Serviço do homem e até das outras criaturas, numa constante comunicação com os seus semelhantes e numa constante dádiva de si próprios. Foi por isso também que eles, e outros como eles, cresceram acima dos outros homens de todos os tempos e revelam, a quem os contempla, a grandeza e as possibilidades da natureza humana.

Por isso, melhor que todos os meios de que o homem dispõe para conhecer-se, o Amor, o interesse e a simpatia humanos, ao ultrapassarem todas as barreiras, ajudam o homem a encontrar-se e a valorizar-se.

Não é o indivíduo que se isola, embora o faça procurando estudar-se, que melhor se conhece.

Aquele que mais comunica e alarga os seus interesses (aos seus semelhantes como às outras formas de vida) e mais se dá, é aquele que melhor se exprime, melhor se conhece.

Só desse modo, e não fugindo de nós próprios, poderemos alcançar para nós e para os outros, o equilíbrio, a harmonia e a paz de que necessitamos para uma vida em plenitude.

Só um auto-conhecimento poderá dar aos homens confiança nas suas possibilidades e no destino humano. Destino em que, para além das ameaças de ódio e de destruição, o homem aprenda, mergulhando no *conhecimento de si próprio* e seguindo a Verdade dos grandes Mestres de sempre, que «o ódio não cessa pelo ódio. O ódio cessa pelo Amor». ∞

In Revista Osiris nº128, Outubro-Dezembro 1965

Notícias da S.T.P.

No dia 27 de setembro foi proferida uma conferência pública pela Presidente da Federação Europeia da Sociedade Teosófica, Trân-Thi-Kim-Diêu, na Biblioteca Pública de Évora. A organização desta sessão contou com a colaboração do Ramo Boa Vontade (Évora), integrada no contexto de dinamização de atividades teosóficas que caracteriza o trabalho dos Ramos da S.T.P. O tema da conferência em causa foi *Tradição e Revolução: a Memória ao Serviço da Renovação*. O carácter abrangente e desafiador do tema, marcado pela sagesa e pelo poder comunicativo da oradora, cativou cerca de quarenta participantes. A parte final da sessão foi preenchida com um momento de perguntas e respostas.

No dia 9 de outubro foi levada a cabo na sede da S.T.P., em Lisboa, uma reflexão aberta sobre o autoconhecimento, encarado como uma viagem de investigação interior, conducente à autotransformação e, consequentemente, à regeneração de si mesmo a qual é a base da regeneração da humanidade como um todo. A reflexão integrou duas perspetivas complementares do autoconhecimento – *o autoconhecimento à luz da Teosofia e o autoconhecimento à luz dos ensinamentos de J. Krishnamurti*. A abordagem à primeira perspetiva foi coordenada por Isabel Nobre Santos; a segunda foi coordenada por Carlos Guerra.

No dia 23 de outubro a S.T.P. acolheu Mercedes Vila Robusté, com grata satisfação. Mercedes Vila Robusté proferiu na sede da S.T.P.,

em Lisboa, uma palestra subordinada ao tema *A Fraternidade Universal*. Tratou-se de uma sessão na qual foi possível, com a inspiração própria da oradora, aprofundar e renovar ideais, ampliando a nossa consciencialização da Fraternidade Universal e entendendo as suas repercussões práticas na vida quotidiana.

No dia 13 de novembro, José Caldas, membro do Ramo Dharma (Porto), dinamizou uma sessão pública, na sede da S.T.P., em Lisboa, a qual integrou uma projeção dinâmica de diapositivos subordinada ao tema *A Dupla Face da Evolução*. Foi apresentada uma visão alargada da Sabedoria Eterna nos seus múltiplos aspetos, desde a sua dimensão doutrinária até à sua dimensão vivencial de cariz fundamentalmente ético.

No dia 20 de novembro foi comemorado na sede da S.T.P., em Lisboa, o 135º aniversário da Sociedade Teosófica, fundada em 17 de novembro de 1875. Assim, a Sociedade Teosófica de Portugal juntou-se à comemoração internacional do Dia da Fundação da Sociedade Teosófica, através de uma sessão pública cuja dinamização contou com a participação de membros dos Ramos Fraternidade, Koot-Hoomi e Maitreya.

A última sessão pública de 2010, que decorreu igualmente na sede da S.T.P. em Lisboa, no dia 11 de dezembro, integrou uma palestra proferida por João Paulo Gomes e subordinada ao tema *O Kali Yuga e as Parábolas do Mestre Jesus – Uma Visão Teosófica*.

A vida tal como a conhecemos, a nossa vida diária, é um processo de vir a ser. Sou pobre e ajo com um fim em vista, que é o de me tornar rico. Sou feio e quero tornar-me bonito. E, portanto, a minha vida consiste num processo de vir a ser algo. A vontade de ser é a vontade de vir a ser, em níveis diferentes de consciência, em estados diferentes, e nela há desafio, resposta, nomear e registo. Assim, este vir a ser é uma luta, este vir a ser é uma dor, não é verdade? É uma batalha constante: sou isto e quero vir a ser aquilo.

J. Krishnamurti

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1924

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objectivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e actuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1950

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objectivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objectivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objectivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insusceptíveis de definições completas, há, individual e colectivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu carácter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua Passos Manuel 20 Cave

1150-260 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

telef.: 213 534 750

Ramos e Grupos de Estudo

- ÉVORA -

Boa Vontade - Maria João Figueira,
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

Annie Besant - Carlos Guerra,
carlos.a.g.guerra@gmail.com,
telef.: 266 703 135, 965 741 281

Aquário - António Almeida,
antonioicrpalmeida@gmail.com,
telef.: 218 137 424, 964 786 035

Fraternidade - José António Alves,
isabeljoseantonio@gmail.com

Isis - Maria Lucília Meleiro,
telef.: 217 165 129

Koot-Hoomi - Isabel Nobre Santos,
minobre@yahoo.com

Lotus Branco - João Parente,
joao_1952@sapo.pt, 916 008 902

Maitreya - Maria Alida Rodrigues,
mseijo@live.com.pt, 961 273 843

- PORTO -

Dharma - Lício Correia

Horus - José Almeida

1ª e 3ª quinta-feira do mês, 21:30,
Praça da República 13, 3ºB, Porto,
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

G. E. Arcanjo Miguel - Lubélia
Travassos, lubtravassos@gmail.com,
telef.: 296 285 266

- SETÚBAL -

G. E. Amor, Verdade e Beleza -
Maria de Lurdes Rodrigues,
luceliario@gmail.com, telef.: 265 523 624

Sociedade Teosófica

Presidente: Radha Burnier • **Vice-Presidente:** Linda Oliveira • **Secretária:** Kusum Satapathy • **Tesoureira:** Keshwar Dastur

Sede: Adyar, Chennai 600 020, India • www.ts-adyar.org • theosoc@satyam.net.in

Orgão Oficial do Presidente: "The Theosophist", fundado por H.P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Navin B. Shah	PO Box 14804, 00800-Westlands, Nairobi, Kenya	<i>The Theosophical Light</i>	navinmeera@hotmail.com
1909	Africa, South	Mr Tom Davis	22 Buffels Road, Rietondale, Pretoria, 0084	<i>The S. African Theosophist</i>	thosgdavis@icon.co.za
1956	Africa, West	Mr P.B. Kwakyi	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	tswafrica@gmail.com
1929	America, Central *	Mrs Aura Elena de Martínez	Calle Julio Mejía Pol. E-7, Colonia Univ. Norte, San Salvador, El Salvador		bemapo03@hotmail.com formaryoga@hotmail.com
1920	Argentina	Mrs Silvia Liliana Pastore	Casilla de Correo 166, 5600 San Rafael, Provincia de Mendoza	<i>Teosofia en Argentina</i>	stargentina@sociedad-teosofica.com.ar
1990	Asia, Southeast †		The Theosophical Society, Adyar, Chennai 600 020, India		theosoc@dataone.in
1895	Australia	Dr Dara Tatray	4th fl., 484 Kent St., Sydney, NSW 2000	<i>Theosophy in Australia</i>	tshq@austheos.org.au
1912	Austria *	Mr Herbert Fuchs	Joseph Gaubweg 7, A - 8010 Graz	<i>Theosophie Adyar</i>	herbert.f.fuchs@gmail.com
1911	Belgium	Mr Jan Jelle Keppler	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	jan.keppler@telenet.be
1965	Bolivia †	Mrs Teresa W. de Nuñez	Casilla de Correo 3911, Cochabamba		saidita_2945@hotmail.com
1920	Brazil	Mr Marcos L.B. de Resende	Sociedade Teosofica no Brazil, SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 - Brasilia (DF)	<i>Sophia</i>	tsbrazil@sociedadeteosofica.org.br
1924	Canada *	Mr Medardo Martínez Cruz	3162 Rue de la Bastille Boisbriand QC, J7H 1K7, Canada	<i>The Light Bearer</i>	mmartinez@manhattaninc.com
1920	Chile *	Ms Maximiliano Aguilera	Casilla 3603, Santiago 21	<i>Revista Teosófica Chilena</i>	sociedad.teosofica@gmail.com
1937	Colombia †	Mrs Julia Ballesteros	Carrera. 6, No. 56-27 Apto. 201, Bogotá-2	<i>Selección Teosófica</i>	julitaballesteros@gmail.com
1997	Costa Rica †	Mrs Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		orlichsm@yahoo.com
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb, Croatia	<i>Teozofija</i>	z.zemlja@gmail.com
1905	Cuba	Mr Gaspar Torres	Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		teocuba.sociedad@gmail.com
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	1652 Sta. Agueda, C.7 Les Chalets Court Apto 23, San Juan, PR 00926, USA		polanc@prtc.net
1888	England	Mr Eric McGough	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight</i>	office@theosoc.org.uk
1907	Finland	Ms Marja Artamaa	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki	<i>Teosofi</i>	teosofinen.seura@netti.fi
1899	France	Ms Trân-Thi-Kim-Diêu	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	editionsadyar@wanadoo.fr
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	theosophie-adyar@gmx.de
1928	Greece	Mr Theodoros Katsifis	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	info@theosophicalsociety.gr
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut. II. 11. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozófia</i>	tshutau7@hu.inter.net
1921	Iceland	Ms Anna Valdímarsdóttir	P.O. Box 1257 Ingólfsstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gängleri</i>	z.gudspekifelagid.is
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	theosophy_vns@yahoo.com
1912	Indonesia	Mr Herry Ispoernomo	Jalan Angrek Nelimurni A-104, Jakarta 11410, Timur	<i>Teosofi</i>	teosofi.indonesia@gmail.com
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraine - Co. Londonderry UK BT52 1TA	<i>Insight</i>	maricharkness@yahoo.co.uk
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 4014, Ramat-Gan, Israel 52140	<i>Or</i>	mail@theosophia.co.il
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, C.P. 640, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	sti@teosofica.org
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	pm_kouahoh@hotmail.com
1971	Japan Δ	Mr Naotsugu Takahashi	4-12-11 Nakamachi, Nishi Tokyoshi, Tokyo 202 0013		tsjp@hte.highway.ne.jp
1919	Mexico	Mrs Lissette Arroyo Jiménez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030		sociedadeteosofica@prodigy.net.mx
1897	Netherlands	Mrs Els Rijneker	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>Teosofia</i>	info@teosofie.nl
1896	New Zealand	Mr Warwick Keys	17, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051	<i>TeoSophia</i>	hq@theosophy.org.nz
1913	Norway *	Mrs Agnes Gaasemyr	Stedevn Ve 9, N - 5162 Laksevaag		post@teosofiskamfunn.no
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar	Jr. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Básqueda</i>	teosoficaperu@hotmail.com
1933	Philippines, The	Mr Vicente Haó Chin, jr.	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	philtheos@gmail.com
1921	Portugal	Mr Carlos Guerra	Rua Passos Manoel 20 cave, 1150-260 Lisboa	<i>Osiris</i>	geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
1925	Puerto Rico †	Mr Eladio Polanco	1652 Sta. Agueda, C7 Les Chalets Court, Apto 23, San Juan, PR 00926, USA	<i>Heraldo Teosófico</i>	polancoeladio@yahoo.com
1910	Scotland *	Mr Stuart Trotter	28 Great King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	stuarttrotter@hotmail.com
1889	Singapore Δ	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No 03-04, Sims Avenue Centre, Singapore 387603	<i>Newsletter</i>	sanne@singaporelodge.org
1992	Slovenia *	Mr Dušan Žagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofska Misel</i>	zagarbreda@gmail.com
1921	Spain	Mrs Clarisa Elósegui	Arenys de Mar 14, 1º-1ª E - 08225 Terrasa - Barcelona	<i>Sophia</i>	clarisaelo@gmail.com
1926	Sri Lanka †	Mr S. M. Jayathilake	20/13, Race Course Road, Badulla (BD) 90000	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	smjbadulla@gmail.com
1895	Sweden	Mr Peretti Spets	Henriksdalsringen 23, SE - 131 32 Nacka	<i>Tidlös Visdom</i>	teosofiska.samfundet.adyar@telia.com
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH - 1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	egaillard@bluewin.ch
1997	Togo *	Mr Kouma Dakey	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		ankh@volicable.com
2007	Ukraine Δ	Mrs Svetlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033		admin@theosophical.org
1886	USA	Mr Wyttil Bland	PO Box 270, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	samadhii@internet.com.uy
1925	Uruguay *	Mr Nelson Corrales	Javier Barrios Amorin 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		
1922	Wales *	Ms Julie Cunningham	Tan y fron, Red Wharf Bay, Penrthraeth, Angelsey, Gwynedd LL75 8HJ UK	<i>Insight</i>	jecunningham@yahoo.co.uk

* Data de formação * Associação Regional † Agência Presidencial Δ Grupo adstrito a Adyar

SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de Novembro de 1875.

A sua Sede Internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882.

OBJECTIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

1º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.

2º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.

3º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais

The Council of the European Federation of National Societies

Presidente: Tràn-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

kimdieu_ts@magic.fr

Federação Teosófica Inter-Americana

Inter-American Theosophical Federation

Presidente: Terezinha Franca Kind

SHIS QI28 Conjunto 1, casa 29 Lago Sul,

Brasília DFF, 71.670-210 Brazil

t.kind@terra.com.br

Federação Teosófica Indo-Pacífico

Indo-Pacific Theosophical Federation

Presidente: John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

Federação Teosófica Pan-Africana

Pan-African Theosophical Federation

Presidente: Kiran K. Shah

55A Third Parklands Avenue

PO Box 40149, Nairobi 00100, Kenya

kirankh33@gmail.com